



atos

do conselho geral

ano LXXII — janeiro-março, 1991

n. 335

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

a t o s

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 335

ano LXXII

janeiro-março

1991

1. CARTA DO REITOR-MOR	P. Egídio Viganó O que vivamente nos interessa é o sacerdote do ano 2000	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	P. Juan E. Vecchi	
	2.1. A Comunidade Salesiana Local	28
	P. José Nicolussi	
	2.2. O Missal Próprio da Família Salesiana	33
	P. Omero Paron	
	2.3. Solidariedade com Dom Bosco no Leste	40
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Tarefa especial de coordenação para o Projeto África	43
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	45
	4.2. Crônica do Conselho Geral ...	45
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Novos Inspectores	48
	5.2. Novo Bispo Salesiano	51
	5.3. Irmãos falecidos	52

Tradução:

P. Ervino Martinuz

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 441

03105 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 277-3211

Telex: (011) 32.431 ESPS BR

Fax: (011) 279-0329

1. CARTA DO REITOR-MOR

O QUE VIVAMENTE NOS INTERESSA É O SACERDOTE DO ANO DOIS MIL

Introdução — O sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco — O Sínodo 90, sobre a formação do Sacerdote hoje — A “corajosa clareza” dos padres sinodais — A absoluta originalidade do “sacerdócio” da Nova Aliança — A consagração batismal e o ministério ordenado — O delicado tema do “Religioso-Presbítero” — Dom Bosco: Padre e Fundador para os jovens — Urgência de uma melhor formação salesiana — O CG 23 e o nosso crescimento pastoral — Gratidão ao Pai e entrega a Maria.

Roma, Solenidade da Imaculada
Conceição da Virgem Maria,
8 de dezembro de 1990.

Queridos Irmãos,

o novo ano seja para todos um tempo de intensificação do espírito de Dom Bosco nos corações. Assim poderemos, dia após dia e de maneira gradual, tornar realidade as perspectivas pedagógico-pastorais do CG 23.

Seja dada importância ao “dia da comunidade”.¹ Será oportuno, naquela reunião comunitária que é momento vital de formação permanente, rezar como “oração” o que diz o documento capitular no n. 95: “Nós cremos que Deus ama os jovens... cremos que Jesus quer partilhar ‘sua vida’ com os jovens... cremos que o Espírito Santo se faz presente nos jovens... cremos que Deus nos está a esperar nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para dispor-nos a servi-Lo neles...”. Rezando juntos por inteiro este texto, cresceremos na nossa característica experiência que nos faz considerar o momento educativo como o lugar para nós privilegiado do encontro com Cristo.

Gostaria de exortar os Inspectores e os Diretores para que insistam sobre a *formação permanente* de maneira que o “da mihi animas” seja, além do lema que nos caracteriza, também e sobretudo o clima ideal de saúde das casas ou, como dizia o P. Rinaldi, o pulmão do nosso “respiro pelas almas”.²

Para favorecer este clima considero útil convidar-vos a refletir sobre o recente acontecimento eclesial do Sínodo dos Bispos, voltado exclusivamente para a formação sacerdotal. Todo acontecimento verdadeiramente eclesial é por si mesmo um fato familiar. É um tema que nos interessa como Congregação, por vários motivos.

¹ *Educar os jovens na fé: Documentos Capitulares*, EDB, São Paulo, 1990, 222.

² Cf. *Atos do Conselho Geral*, nº 332, janeiro-março 1990, pp. 38-41.

○ sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco

Temos primeiramente uma comemoração significativa que nos convida a repensar as origens históricas do nosso carisma: dia 5 de junho próximo completa-se o sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco. É uma data particularmente significativa na vida do nosso Fundador e, por ele, muito bem preparada e esperada. Ela ajuda-nos a compreender melhor seu coração pastoral. É através da peculiar fisionomia do sacerdote, própria de Dom Bosco, que nós devemos aprofundar a nossa missão juvenil e popular.

Se depois somarmos os jovens irmãos que aspiram e se preparam na Congregação para o ministério sacerdotal, desde os pós-noviços aos tirocinantes e estudantes de teologia, chegamos ao considerável número de mais de três mil. E se acrescentamos mais quatrocentos e cinqüenta noviços aspirantes ao presbiterato, chegamos ao total de três mil e quinhentos. São dados que lembram a grave responsabilidade que temos diante da Igreja e que nos fazem pensar em tantas expectativas de amizade com Cristo que se multiplicam (também anonimamente) no coração dos jovens. Estes números levam-nos ainda a um profundo sentido de agradecimento e de humilde alegria quando os consideramos como um sinal mais do que consistente da bondade e vontade de Deus em favor da continuidade e crescimento do carisma do Fundador. “Cada vocação — afirmam as *Constituições* — manifesta que o Senhor ama a Congregação, deseja-a viva para o bem da sua Igreja e não cessa de enriquecê-la com novas energias apostólicas”.³

Nós nascemos do coração ardente de Dom Bosco sacerdote. Partilhámos com ele uma missão “pastoral” que assume a responsabilidade pela vida de fé dos jovens e das classes populares. Vivemos e trabalhamos juntos,⁴ animados, sustentados e orientados, em nível mundial, inspetorial e local, por um irmão que se inspira constantemente no seu zelo sacerdotal “pela graça do ministério presbiteral e pela experiência pastoral”.⁵

O rosto da nossa Congregação possui fisionomia original, em cujos traços (vividos em fraterna complementariedade entre irmãos leigos e padres) é nota constitutiva de sua identidade. Somos uma comunidade de “clérigos e leigos que vivem a mesma vocação em fraterna complementariedade”.⁶

O argumento estudado no Sínodo toca-nos, pois, de perto.

Mas além disso, e sobretudo, ele insere-nos vitalmente, com todos os fiéis, no inefável mistério de Cristo, no centro mais intenso de seu

³ *Const.* 22.

⁴ *Const.* 49.

⁵ *Const.* 121.

⁶ *Const.* 4.

amor e da sua missão. Transfere-nos aos acontecimentos da Páscoa e à celeste mediação do Ressuscitado que intercede sem cessar por nós diante do Pai. A ação litúrgica da Igreja está enraizada nEle e incorpora todo dia, através da Eucaristia, a nossa criatividade e a nossa vida no sublime ato sacrificial que permanece definitivamente no céu como ápice do amor humano na história.

Tudo isto estimula-nos fortemente a considerar o Sínodo como fato providencial que ajuda a melhorar a qualidade de vida espiritual dos irmãos e das comunidades. Queremos neutralizar a forte afirmação que entre nós haveria "muitos sacerdotes, mas pouco sacerdócio". Trata-se evidentemente de um paradoxo, contudo, só a suspeita de que exista algo de verdade nos entristece e nos obriga a uma séria revisão.

O recente Sínodo, considerado aqui de maneira inicial, indica um apoio para ir adiante.

O Sínodo 90, sobre a formação do Padre hoje

Seguimos este oitavo Sínodo ordinário dos Bispos através dos jornais. Não é suficiente. Queremos aproximar-nos um pouco mais dele para ler sua mensagem em seu interior.

Iniciamos com alguns dados que servem para melhorar o nosso ponto de observação.

O Sínodo 90, longamente preparado também com a contribuição das Conferências episcopais, realizou-se no Vaticano de 30 de setembro a 28 de outubro. Participaram 238 padres sinodais, 17 peritos e 43 observadores de diferentes nacionalidades. Estavam presentes também quatro bispos salesianos: o card. Rosálio Castillo e os bispos Óscar Rodríguez, Basílio Mvé e Juan Abelardo Mata.

Pela primeira vez estavam presentes todos os representantes do episcopado do Leste europeu, tanto que entre os grupos lingüísticos foi inaugurado o "círculo menor eslavo" (formado por ucranianos, tchecoslovacos, um letão, um bielorusso, iugoslavos e polacos). O que estes bispos falaram sobre as vicissitudes de suas Igrejas foi motivo de emoção e de longos aplausos. Por exemplo, Dom Alexandre Todea (metropolitano de Fagaras e Alba Julia na Romênia) descreveu com muito realismo os sofrimentos causados pelas perseguições: um total de mil anos de cárcere para bispos, sacerdotes, fiéis; sete bispos mortos nas prisões e uma ditatorial e opressora organização atéia da sociedade.

O tema de estudo no Sínodo foi: "*A formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais*". Durante as quatro intensas semanas de trabalho foram formuladas quarenta e uma "Proposições" para serem entregues ao Papa (com outras contribuições) para a redação da Exortação apostólica pós-sinodal.

Mais do que sintéticas propostas, estas "Proposições" constituem temas bem definidos com indicações para um ulterior desenvolvimento. Apresentam brevemente os contextos culturais em que vivem hoje os cristãos, com uma visão daquilo que pensam os Pastores sobre a evolução da sociedade. Tratam depois das vocações e do seu discernimento, do sacerdócio comum no Povo de Deus e da identidade e missão do serviço próprias do presbítero, dos meios e dos conteúdos da formação inicial, da importância da formação permanente e de vários problemas inerentes à vida dos padres.

Deve-se lembrar, em particular, a relação do pró-prefeito da Congregação para a Educação Católica, Dom Pio Laghi, sobre a situação atual das vocações: lenta e difícil retomada na Europa e na América do Norte, constante incremento e diferenciado aumento na África, América Latina e regiões asiáticas.

Evidentemente no centro de tudo (e é o aspecto que mais nos interessa) está a consideração do sacerdócio da Nova Aliança em seus dois aspectos de consagração batismal (ou seja, do sacerdócio comum a todos os fiéis) e de ministério ordenado (ou seja, próprio dos sacerdotes e dos bispos).

Infelizmente a imprensa, em geral, não apresentou os valores e a riqueza renovadora deste Sínodo; e não era mesmo fácil fazê-lo por várias razões. Não poucos jornais e revistas de inspiração mais ou menos laicista, sempre atrás do sensacionalismo, fizeram avaliações superficiais e desatualizadas com juízos bem negativos.

Os nossos contatos diretos com os padres sinodais, no entanto, oferecem uma outra avaliação: extraordinária convergência dos participantes e serena perspectiva para o futuro. O Secretário Dom João Schotte, no último encontro com a imprensa, falou de "forte convergência", de "fraterna colegialidade efetiva e afetiva". E o card. Godofredo Danneels, arcebispo de Bruxelas, que já tinha participado de vários Sínodos anteriores afirmara que este fora o melhor Sínodo de que participara.

Pode-se sublinhar dois aspectos característicos do clima sinodal. O primeiro é o fato de que quase dois terços dos bispos participavam pela primeira vez de um Sínodo e a maioria não tinha tomado parte do Vaticano II (com exceção de vinte), de maneira que o secretário Dom Schotte afirmou que este poderia ser considerado o primeiro Sínodo de fato "pós-conciliar". No entanto brilha nele uma forte fidelidade aos grandes conteúdos do Vaticano II.

O segundo aspecto é a ótica de esperança, alimentada pela confiança na intervenção do Espírito Santo em favor das vocações e da santidade do clero. Os padres sinodais puseram-se acima de maliciosas e costumeiras afirmações propagandistas de enfraquecimento ou de atraso sociológico, e acima do envelhecimento: foi um Sínodo aberto à juventude da Igreja, em nada desconfiado de sua caminhada em direção do terceiro milênio.

O Papa quis explicitamente sublinhar os frutos espirituais da vocação ao sacerdócio ministerial com a beatificação de dois sacerdotes muito beneméritos: José Allamano (ex-aluno de Valdocco) e Aníbal Maria Di Francia.

Portanto, um Sínodo rico de esperança que confia na presença e no poder do Espírito Santo que renova o sacerdócio na Igreja.

A "corajosa clareza" dos padres sinodais

O secretário Dom Schotte, apresentando sua avaliação global sobre o Sínodo, falou entre outras coisas de "corajosa clareza" quando deu-se uma resposta apropriada às várias teorias e dúvidas suscitadas sobre a identidade do ministério sacerdotal e, portanto, sobre a formação do presbítero. Andam por aí, de fato, já há vários anos, algumas interpretações que projetam a renovação do "ministério" insistindo sobretudo em princípios sociológicos, para chegar à conclusão que deve ser considerado como uma "função" da comunidade em lugar de ser uma "consagração" sacramental. Semelhante interpretação funcional marginalizaria a doutrina tradicional sobre o sacerdócio ministerial, pois apresenta o ministério como uma tarefa que é delegada pela comunidade local. O sacerdócio, assim, não estaria relacionado com o caráter indelével, nem com a lei do celibato; estaria aberto a todos e teria uma grande variedade de formas de acordo com as exigências culturais dos lugares e dos tempos. Não seria mais uma "mediação sagrada" (como afirmam), sobrecarregada por uma estrutura de "poder e dignidade" que foi se acumulando com o passar dos séculos, mas sim um serviço simplificado que responderia, segundo as atuais exigências da socialização humana, a uma participação que nasce da base, significando, de fato, partilha e co-responsabilidade democrática de todo o Povo de Deus.

A identidade do ministério, portanto, deveria ser procurada mais nas leis específicas da sociedade humana do que na relação sacramental com Cristo; seria assim posta em discussão a sucessão apostólica visando uma estrutura não mais hierárquica da Igreja.

Não devemos nos espantar se este tipo de teoria, juntamente com as grandes mudanças sócio-ecliais do nosso tempo, tenha trazido consigo uma crise da identidade sacerdotal, de modo que na lista das "circunstâncias atuais" a serem estudadas encontra-se — também e sobretudo — a redefinição da identidade sacerdotal.

Além da confusão que nasceu com estas teorias, circulam também algumas posturas metodológicas sobre o processo de formação. Apesar da reta intenção, elas privilegiam a práxis de quem está na vanguarda entre os destinatários de forma tal que não se respeita — nos vários casos e de fato — os passos da gradualidade, as exigências espirituais

da incorporação ministerial ao sacerdócio de Cristo e as competências específicas da missão pastoral.

Eis porque, para os padres sinodais, devia-se considerar entre “as circunstâncias atuais” do tema em estudo também, e primariamente, estas sérias dificuldades.

Deste ponto de vista, o Sínodo pode ser considerado uma profecia bem atual em favor do Padre do Ano Dois Mil. Sentia-se esta necessidade!

Sem dúvida, nas quatro semanas de trabalho, foram apontados alguns limites na elaboração do tema, que em si é muito vasto. Falou-se quase somente do sacerdote “diocesano”; e não falou-se muito dos questionamentos que as situações pastorais hoje apresentam. Devemos, todavia, salientar que existe uma variedade tão ampla de carismas sacerdotais e de contextos sócio-culturais que era impossível ver tudo num espaço de tempo tão reduzido.

A nós interessa lembrar aqui as palavras do card. Jean Jérôme Hamer, prefeito da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada. Afirmou: “Nos Institutos religiosos ‘clericais’, o exercício do ministério sacerdotal pertence à natureza mesma destes Institutos. Para estes religiosos-sacerdotes, o exercício da Ordem sagrada não é um elemento a mais, exterior, de uma vida religiosa já completa. Este fato tem uma importância notável nos vários campos, mas especialmente no campo da formação. Cada superior mor é responsável pela manutenção da perfeita unidade de formação ao sacerdócio e de formação à vida religiosa, de acordo com a própria identidade (carisma) do Instituto.”⁷

Estas considerações ajudam-nos a desenvolver algumas reflexões principalmente sobre a originalidade da nossa Congregação.

É bom que sejamos nós mesmos a enfrentar os aspectos da índole própria do nosso carisma.

Em todo caso, no Sínodo encontramos uma Proposição que trata das relações entre sacerdotes seculares e religiosos, insistindo sobre a importância do documento *Mutuae Relationes*.⁸ Outras Proposições falam do envolvimento pastoral que deriva concretamente do território (Igrejas particulares e Conferências episcopais). Isto implica em diretrizes também para religiosos. Acenou-se também ao significado eclesial do “presbitério” para todos os sacerdotes.

Fazemos votos que a Exortação apostólica do Papa nos dê como presente alguma orientação a mais.

O argumento das “circunstâncias atuais” será tratado numa perspectiva mais ampla nas próximas reuniões episcopais: o Sínodo especial para a Europa no ano de 1991, a 4ª Assembléia do Episcopado latino-americano em 1992 e o Sínodo especial para África em 1993.

⁷ *L'Osservatore Romano*, 12 de outubro de 1990.

⁸ Roma, 14 de maio de 1978.

O próprio Santo Padre reconheceu a necessidade que se prossiga neste sentido a reflexão iniciada com este Sínodo. Na alocução de 27 de outubro no encerramento da última assembléia geral, o Papa, depois de ter falado da "grandíssima importância" da formação sacerdotal, acrescentou: "Os problemas lembrados interessam à Igreja universal. A reflexão deve ser continuada e aprofundada de acordo com as orientações elaboradas pela assembléia sinodal, visando sua aplicação às diferentes situações das Igrejas locais. Este aprofundar insere-se normalmente na lógica da atividade sinodal. Esta última dará seus frutos só nas realizações que tiver inspirado e orientado".⁹

A absoluta originalidade do "sacerdócio" na Nova Aliança

Sem dúvida o surgimento dos sinais dos tempos, a nova relação da Igreja com o mundo e as exigências de renovação do ministério ordenado nascidos dos compromissos da nova evangelização, exigem uma atenta e profunda reconsideração da natureza e do exercício do sacerdócio cristão. Isto o Concílio de Trento por especiais contingências históricas não apresentou em toda sua amplitude.

A todo o Povo de Deus interessa enormemente a clareza e a certeza sobre um dos aspectos mais vitais e constitutivos da Igreja. Ter uma visão de fé em relação à identidade sacerdotal significa intuir mais profundamente, na medida do possível, o mistério de Cristo. Tendo, pois, clara a identidade, resultará mais fácil abrir-se na busca de novas modalidades para o exercício ministerial sem correr graves riscos de desvios.

O ponto de referência procurado pelos padres sinodais nesta consideração foi a doutrina presente nos grandes documentos do Vaticano II.

É útil lembrar as linhas principais. Será alimento cotidiano da contemplação da nossa fé.

A noção de "sacerdócio" cristão na Nova Aliança não pertence à concepção própria das religiões; elas situam o sacerdócio no contexto do sagrado e dos ritos. Na Nova Aliança, no entanto, ele é um elemento histórico que vem diretamente do homem Jesus Cristo através dos fatos pascais de salvação. Não é, pois, uma expressão religiosa de sacralidade, mas fundamenta-se sobre um acontecimento histórico, localizado que atinge toda a realidade do homem. Influi, de fato, sobre a significação global de sua existência e de sua vocação como pessoa no mundo. O Cristianismo mais do que "religião" vive de "fé"; nele existe um único verdadeiro "Sacerdote" com um único e eficaz "Sacrifício": é Cristo com sua Páscoa!

⁹ *L'Osservatore Romano*, 28 de outubro de 1990.

"Ele não foi constituído Sacerdote por motivo de uma regra humana, mas segundo o poder de uma vida imperecível".¹⁰ Do ponto de vista religioso da tradição hebraica Jesus Cristo era, diríamos hoje, um "leigo": "pertencia a uma outra tribo que não tinha membro algum a serviço do altar. Pois é notório que nosso Senhor surgiu de Judá, tribo da qual Moisés nada disse ao falar dos sacerdotes".¹¹

E também o seu "Sacrifício" é único e realiza-se nos acontecimentos históricos da sua paixão, morte e ressurreição: "ofereceu-se uma só vez",¹² e não num templo ou em lugar sagrado, mas na colina do Calvário num acontecimento social de condenação no patíbulo da cruz. Daí passou uma vez por todas ao verdadeiro santuário, foi colocado ao lado de Deus para realizar a mediação definitiva. "Atravessando a tenda maior e mais perfeita, não constituída por mãos humanas, entrou de uma vez para sempre no santuário".¹³ A paixão e a morte são em Cristo expressão do mais alto amor que um homem jamais poderá demonstrar, e a ressurreição traz este supremo sacrifício diante do Pai de maneira perene e continuamente ativa.

Nunca houve e nunca poderá existir um sacerdócio mais original do que este. Ele atinge, dizíamos, a própria realidade do homem no interior de sua própria natureza e em seu devir na história. Cristo é sacerdote enquanto homem; e como homem pascal é o "segundo Adão", ou seja, o primogênito da "nova humanidade". Revela seu mistério e renova-o segundo a plenitude de suas possibilidades de rei da criação. Restitui-lhe, de fato, aquela dignidade de liturgo do universo que perdera com o pecado do primeiro Adão. Sim, o homem era chamado, desde o primeiro ato criador, a ser o intérprete do mundo junto de Deus; a verdadeira liturgia devia ser "o homem vivo" com sua consciência, sua gratidão, sua fraternidade e toda sua história.

Que desastre trouxe o pecado! Só Cristo, com seu único e indefectível sacerdócio, pôde reabilitar maravilhosamente ("mirabilis"!) o homem e restabelece-lo em sua dignidade e vocação. O seu sacerdócio, portanto, entra a fazer parte de uma antropologia objetiva e integral que deveria interessar todo homem e todas as criaturas.

Este sacerdócio de Cristo, apesar de ser único, não é uma realidade isolada como se Ele fosse o herói exclusivo; pelo contrário, é a expressão da mais profunda e universal solidariedade, a do primogênito entre muitos irmãos, de verdadeiro "chefe" do corpo de toda a humanidade: é, nEle e por Ele, o sacerdócio e o sacrifício "do homem", de todos os homens.

¹⁰ Hb 7,16.

¹¹ Hb 7,14.

¹² Hb 9,28.

¹³ Hb 9,11.

A consagração batismal e o ministério ordenado

Para alcançar este objetivo de envolvimento de todos, Cristo instituiu, como trâmite visível para quem crê nEle, a "sacramentalidade" da Nova Aliança, ou seja a mediação de sinais (pessoas e coisas) portadores de sua Páscoa. Mandou depois o Espírito Santo para que com a força suave incorpore no Povo de Deus um por um todos os homens e os faça agir na história como sinais-pessoas do "Homem novo".

Jesus quis para todos um "sacerdócio-comum" que transforme a vida pessoal em hóstia agradável, e toda a história em liturgia do homem vivo. "Pois os batizados, pela regeneração e união do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, para que por todas as obras do homem cristão ofereçam sacrifícios espirituais e anunciem os poderes dAquele que das trevas os chamou à sua admirável luz. Por isso todos os discípulos de Cristo, perseverando em oração e louvando juntos a Deus, ofereçam-se como hóstia viva, santa, agradável a Deus. Por toda parte dêem testemunho de Cristo. E aos que o pedirem dêem as razões da sua esperança da vida eterna".¹⁴

É uma meta sublime!

Para tornar visível e operante este sacerdócio-comum, o Senhor torna presente o seu único sacrifício pascal através da sacramentalidade da celebração eucarística. O sacerdócio comum faz entrar cada geração, com as obras do próprio amor, no ato supremo da liturgia da cruz.

Justamente o Concílio proclamou que a "Liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda a sua força".¹⁵ O trabalho de evangelização e as fadigas apostólicas são, em si, endereçados para isso: participar do sacerdócio de Cristo, lutar com Ele para vencer o mal, amar como Ele e expressar na vida o que se experimenta sacramentalmente com a fé. Portanto, o sacerdócio-comum, aquele que devemos viver todos como discípulos do Senhor e membros vivos de seu Corpo, é a expressão suprema da dignidade humana, a reintegração em sua missão de homem no mundo, a modalidade histórica para sentir-nos envolvidos na redenção e na salvação.

Portanto: para realizar esta participação universal no sacerdócio de Cristo, Ele mesmo instituiu o ministério ordenado. Fez isso escolhendo e consagrando os Doze. Eles continuam nos séculos através da sucessão apostólica. O sacramento da Ordem consagra os seus sucessores (os bispos) dando-lhes um especial poder de serviço para viabilizar o exercício do sacerdócio da comunidade: Ele mesmo os chama e os habilita com a "unção" do Espírito Santo.

Os sacerdotes, por sua vez, são ordenados como colaboradores do Episcopado e recebem, em sua consagração, uma participação no

¹⁴ *Lumen Gentium* 10.

¹⁵ *Sacrosanctum Concilium* 10.

poder sacramental da Ordem. Esta habilita-os ao serviço da comunidade com duas atividades entre si complementares: a de agir “na pessoa do próprio Cristo-Chefe através do ministério da palavra, da reatualização sacramental do único sacrifício pascal na Eucaristia e através da administração dos sacramentos de salvação; e, além disso, a de agir “na pessoa da Igreja”, representando-a diante de Deus e dedicando-se a seus filhos com o amor e a atenção de um esposo fiel e prestimoso.

Este poder, que é dado ao sacerdote pela Ordem, não é um “poder” de tipo sociológico que se impõe aos fiéis como se fosse uma dignidade superior, mas é um serviço indispensável, instituído por Cristo, para o funcionamento do sacerdócio-comum.

No Sínodo falou-se sinteticamente que o sacerdócio ministerial pertence aos elementos constitutivos da Igreja; relaciona-se simultaneamente com Cristo e Igreja; ou seja, com Cristo enquanto Chefe Pastor e Esposo da Igreja. O ministério, portanto, não é só a atuação de uma tarefa orgânica na Igreja, mas é também uma doação de si aos batizados visando sua vida e atividade de fé na história.

Tudo isto nos faz pensar, não só que o sacerdócio ministerial é constitutivamente ordenado para o sacerdócio-comum,¹⁶ mas que no coração do padre a característica espiritual de seu ministério específico é ter uma consciência e um sentir interior que o vinculam inseparavelmente à toda a porção do Povo de Deus à qual foi enviado. Se existe um mal verdadeiramente pernicioso a ser eliminado num ministro ordenado é a de uma eventual modalidade “clericalista” (da qual não faltam exemplos na história) que o leve a ser o “dono” do Povo de Deus. Ela em nada se coaduna com o Cristo Bom Pastor, que é o “Servo de Javé”. O padre que a assumisse demonstraria não ter entendido o sacerdócio da Nova Aliança.

Quem possibilita a autenticidade constitutiva e espiritual do sacerdote (padre e bispo) como “ministro da comunidade”¹⁷ é o Espírito Santo que torna eficaz a consagração da Ordem e infunde no coração uma peculiar “caridade pastoral” acompanhada por diferentes carismas de acordo com as necessidades do Povo de Deus. É muito importante este aspecto de diversificação na caridade pastoral em relação às múltiplas urgências das pessoas.

Constata-se portanto, nos sacerdotes, uma identidade comum fundamental, mas diferenciada por dons pastorais que comportam uma pluriformidade de maneiras no serviço ministerial. Se, depois, a esta diferenciação carismática acrescentam-se as exigências próprias dos destinatários aos quais são enviados determinados grupos de padres, percebe-se claramente que sua identidade ministerial não pode ser descrita

¹⁶ *Lumen Gentium* 10.

¹⁷ *Ib.* 20.

de maneira unívoca, mas deverá considerar as exigências que vêm do Espírito e também dos tempos e das necessidades dos destinatários.

Com razão, pois, o tema do Sínodo faz alusão também às "circunstâncias atuais", que será preciso continuamente estudar. O tipo de formação que deve ser cuidada, de fato, deve relacionar-se também com as modalidades concretas do ministério que o padre deverá assumir como resposta às necessidades humanas.

Uma vez descrita sinteticamente a identidade do sacerdote, os padres sinodais insistem sobre a peculiar interioridade que deve permear sua identidade ministerial. Certamente, entre "ministério" e "pessoa" existe uma clara distinção. Todavia, como o ministério sacerdotal não é uma simples "função" intermitente, mas comporta uma "consagração" especial da pessoa, pelo caráter permanente da Ordem, nasce no padre uma forte conexão entre ministério e pessoa, vivificada pela caridade pastoral, que une a pessoa ao ministério no íntimo do coração, suscitando nele os sentimentos do Bom Pastor. O sacerdote não é um funcionário com horário marcado, mas um consagrado a tempo integral e durante a vida toda: é só olhar os Apóstolos!

A insistência sobre esta interioridade específica tem extraordinária importância, porque vai relacionando a alma do padre seja com o Pai rico em misericórdia, seja com o Cristo Eterno Sacerdote, seja com o Espírito Santo fonte da caridade pastoral, seja com a comunidade eclesial da qual torna-se "servo", seja com o Bispo e o Papa sendo um solícito colaborador deles, seja com os outros padres da Igreja particular com os quais trabalha e forma um fraterno presbitério.

Mas como seu sacerdócio ministerial está a serviço do Povo de Deus, sua interioridade comporta, necessariamente, a formação para a bondade, o perdão, a serviço, o discernimento dos corações, a sensibilidade diante das necessidades dos outros, o ardor missionário, a responsabilidade na construção da comunidade, o espírito de iniciativa, a coragem e o sacrifício, a compreensão e comunicação da Palavra de Deus, a leitura dos sinais dos tempos, o testemunho das bem-aventuranças, as exigências da solidariedade e da justiça, numa palavra, a viver pessoalmente uma fé que assuma incansavelmente a fé dos outros, constitui sem dúvida o ponto de chegada a que visa o estilo de vida evangélica dos sacerdotes.

Esta formação espiritual pressupõe, evidentemente, um concreto crescimento *humano* e *cristão*, uma não indiferente preparação *intelectual* e, sobretudo, uma sentida e crescente vontade *pastoral* em relação às circunstâncias atuais.

O delicado tema do "Religioso-Presbítero"

No Sínodo concentrou-se a atenção, como dizíamos, sobre o padre "diocesano". Mas é claro que, sobre o alicerce de uma interioridade pró-

pria da identidade de um ministério substancialmente comum a todos os padres, insere-se a possibilidade de ulteriores traços espirituais e pastorais diferenciados entre si, segundo a pluriformidade dos carismas com que o Espírito Santo vai enriquecendo o exercício do ministério. Assim surgiu ao longo dos séculos entre os presbíteros uma variada e complementar convergência de fisionomias diferentes que tornam mais atraente, mais flexível e mais apropriado o exercício do ministério. Entre outras coisas, é constitutivo de uma Igreja que não é só "bem estruturada para edificar o Corpo de Cristo", mas que é também "enriquecida com variedade de dons" para manifestar assim "a multiforme sabedoria de Deus".¹⁸

E aqui podemos pensar na fisionomia sacerdotal própria dos membros dos Institutos de vida consagrada que são definidos canonicamente, ou seja, com a palavra técnica: "clericais". Neles — como afirmou o card. Hamer — o exercício do ministério pertence (com uma modalidade peculiar a cada um) à própria natureza de seu carisma. É um elemento concreto que tem uma importância notável seja na própria Igreja, seja sobretudo no interior da vida desses Institutos.

É um tema delicado sobre o qual ainda não se refletiu direta e suficientemente. O Sínodo deixou-o em aberto, todavia reconheceu sua existência e sua importância, falando das mútuas relações a serem intensificadas entre sacerdotes religiosos e seculares. Além disso pode-se também dizer que inspirou-se nalguns aspectos da prática formativa em ato nos Institutos religiosos para determinar iniciativas de renovação visando melhor formação do padre diocesano.

Nós, na Congregação, já temos elaborado algumas reflexões sobre o irmão-sacerdote, sobretudo quando aprofundamos a qualidade pastoral da missão salesiana.

Sabemos que a consagração própria da nossa profissão religiosa está fundamentada na dignidade batismal e nos faz crescer na fé e no seguimento de Cristo com um particular "espírito salesiano" para sermos sinais e portadores do amor de Deus aos jovens.¹⁹ Justamente temos apresentado esta característica espiritual colocando a palavra "Salesiano" como elemento básico; cada irmão é "Salesiano-padre" ou "Salesiano-leigo". Temos ressaltado o impacto que tem a "missão" juvenil e popular em toda a nossa identidade, ao ponto que caracteriza não só a vida religiosa como "consagração apostólica",²⁰ mas também determina que o sujeito da missão, mais do que o indivíduo, é a comunidade,²¹ e uma comunidade cujo rosto apresenta uma fisionomia de indis-

¹⁸ Cf. *Perfectae Caritatis* 1.

¹⁹ Cf. *Const.* 2.

²⁰ Cf. *Const.* 3.

²¹ Cf. *Const.* 44.

pensável complementariedade entre padres e coadjutores, animada e sustentada em sua tarefa pelo diretor, isto é, por um irmão enriquecido pelo dom da Ordem.²²

Para o Salesiano-padre isto significa que nele, por um lado, a consagração presbiteral é assumida, qualificada e vivificada pelo espírito e pela missão próprios da profissão salesiana e, por outro, que ela assegura, enriquece e torna fecunda a identidade pastoral de sua vocação e a de toda a comunidade.

Existem ainda outras coisas. Se consideramos historicamente como nasceu e como se desenvolveu o nosso carisma salesiano, veremos que ele brotou, por obra do Espírito Santo e pela intervenção maternal de Maria,²³ do coração apostólico de um "padre diocesano", Dom Bosco, inspirando-se no zelo e na bondade pastoral de um "bispo residencial" de vanguarda. São Francisco de Sales. Um carisma, pois, que afunda vitalmente suas raízes históricas no zelo sacerdotal do ministério ordenado, íntima e explicitamente vinculado ao exercício do sacerdócio-comum de tantos colaboradores.

Cada sócio na Congregação é, primeiramente, um membro da comunidade salesiana, que é, de fato e na sua originalidade, formada por "eclesiais" e "leigos", iguais em dignidade e complementares na tarefa pedagógico-pastoral.²⁴

Pela consciência que cada irmão deve ter sentindo-se membro vivo e co-responsável por uma comunidade com esta peculiaridade carismática, nasce uma convicção e uma mentalidade de complementariedade, de maneira que cada sócio sente em si mesmo a indispensabilidade da mútua e enriquecedora relação entre dimensão "sacerdotal" e dimensão "laical". "Desta maneira — escrevia eu na circular citada — o Salesiano sacerdote deve sentir-se espontaneamente relacionado, pela força de comunhão na mesma salesianidade, com o Coadjutor; e o Salesiano-leigo deve experimentar o mesmo em relação ao irmão sacerdote. A nossa vocação, radicalmente comunitária, exige uma comunhão efetiva não só de fraternidade entre as pessoas, mas também, e de maneira altamente significativa, de mútua relação entre suas duas componentes fundamentais".²⁵

No coração de cada sócio, enquanto "salesiano", existe o eco vocacional de outro tipo de irmão que constitui a comunidade.

Não que a "dimensão sacerdotal" seja exclusiva dos irmãos sacerdotes e a "dimensão laical" dos irmãos coadjutores. A comunidade salesiana não é a soma mais ou menos artificial de duas categorias de

²² Cf. *Const.* 121.

²³ Cf. *Const.* 1.

²⁴ Cf. *Atos do Conselho Superior*, n. 298, outubro-dezembro 1980.

²⁵ *Ib.* pp. 5-6.

sócios que se esforçam para viver juntos. O que é preciso afirmar, isso sim, é que no próprio coração de cada irmão vibram juntas as duas dimensões, sublinhadas de maneira diferente pelos dois tipos de vocação salesiana, mas intimamente unidas entre si pela própria natureza carismática. O padre cultiva como bom salesiano também a dimensão laical da missão comunitária, e o coadjutor cultiva também ele como bom salesiano a dimensão sacerdotal da missão comum.

Assim compreende-se porque ambas as dimensões são simultaneamente importantes para a elaboração e para a realização do projeto educativo-pastoral. Sem a dimensão laical perderíamos aquele aspecto positivo de sã "secularidade" que nos caracteriza na escolha das mediações educativas. E sem a dimensão sacerdotal correríamos o risco de perder a qualidade pastoral de todo o projeto. Desestruturando a complementariedade poderíamos cair, por um lado, numa espécie de ativismo social pragmatista e, por outro, num tipo de trabalho pastoral muito genérico que não seria mais a autêntica missão de Dom Bosco.

O Sínodo convida-nos a repensar com clareza o significado global da nossa missão, a perceber onde está a síntese vital que assegura a identidade da nossa consagração apostólica.

Por isso interessa-nos vivamente o tema do Sínodo. Também nós na Congregação, em harmonia com os bispos, estamos pensando como deve ser claramente o Sacerdote do Ano Dois Mil. Queremos colaborar, como autênticos salesianos, para o crescimento da fé na nova época histórica que está se iniciando. Conosco olham com esperança todos os membros da Família Salesiana e sobretudo um número cada vez maior de jovens que sentem-se atraídos pelo coração amigo de Dom Bosco sacerdote.

Por isso propomo-nos desde já encontrar luzes e diretrizes na Exortação apostólica que está preparando o Papa, para continuar com maior seriedade e compromisso no crescimento do sacerdócio comum na Congregação e, em particular, na formação do Salesiano-sacerdote, tendo clara a originalidade e as exigências do nosso carisma. É a própria Igreja que nos quer genuinamente fiéis à identidade da nossa índole própria.²⁶

Gosto de concluir este ponto importante lembrando que a intensidade da caridade pastoral e, portanto, o grau de santidade não dependem, por si mesmos, nem do ministério ordenado, nem dos vários serviços de co-responsabilidade apostólica, mas, sim, da vitalidade interior do sacerdócio comum que nos une a Cristo (ou seja, da vida de fé-esperança-caridade) com o qual serão executados todos os ministérios e serviços.

²⁶ Cf. *Mutuae Relationes* 11.

A vida de graça, ou seja, de caridade pastoral, possui — como disse São Tomás de Aquino — um valor que é por si mesmo maior do que todas as coisas criadas. Seremos todos julgados sobre o amor. Na Jerusalém celeste não haverá necessidade nem da Bíblia, nem de Bispos e Padres, nem de Magistério, nem de Sacramentos, nem de Coordenação, nem de tantos serviços mútuos que são indispensáveis aqui na história. Por isso já e agora, na comunidade eclesial, a ordem das realidades institucionais, hierárquicas e operacionais passa em segundo plano (se assim pode-se falar; é suficiente pensar onde foi colocado na *Lumen Gentium* o capítulo sobre o Povo de Deus!) diante do Mistério a que elas servem e revelam para quem vive a fé. A santidade afunda suas raízes no grau de participação e comunhão com a vida trinitária. A intensidade da santidade vemos-la representada em Maria; a autenticidade ministerial em Pedro. Ambos grandes santos: mas vê-se neles que o grau de santidade não se identifica com o hierárquico e ministerial.

Dom Bosco: Padre e Fundador para os jovens

Comemoramos este ano (como já acenei) o sesquicentenário da ordenação sacerdotal de Dom Bosco. A consagração da Ordem foi um acontecimento de graça não só para a sua vida pessoal, mas também para toda sua Família Salesiana. O Espírito de Deus lançou-o como sacerdote, sustentado pela direção espiritual de São José Cafasso, para interpretar e realizar o seu ministério em sintonia com as circunstâncias da época em evolução e com os graves problemas sócio-culturais da cidade de Turim. Fez isso com audácia e com originalidade através da opção preferencial pelos jovens especialmente mais necessitados.

Durante a celebração do Sínodo pensei mais de uma vez em duas declarações sobre o tipo de vida sacerdotal de Dom Bosco, formuladas por duas pessoas estranhas à reflexão que acostumamos ouvir em nossa casa.

Uma (que já conhecemos) é a resposta dada pelo famoso estudioso P.M.D. Chenu, o.p., a um jornalista que lhe perguntava quem seriam, para ele, os novos santos para estes tempos pós-conciliares: "Gosto de lembrar inicialmente — disse — aquele que precedeu o Concílio de um século: Dom Bosco. Ele é já, profeticamente, um novo modelo de santidade pela sua obra que é ruptura com a maneira de pensar e de acreditar dos seus contemporâneos".²⁷

A outra encontrei-a num recente artigo durante o Sínodo; apresenta dele um juízo substancialmente negativo: o Sínodo, influenciado pela política da Cúria, teria defendido a figura tradicional do pobre "triden-

²⁷ *Avvenire*, 22 de fevereiro de 1984.

tino”, em lugar de lançá-lo em direção das novas exigências sociais dos tempos. Pois bem: o autor não demonstra muita simpatia por Dom Bosco, afirma dele que “preconizava já naquele tempo no Piemonte do século passado uma figura de sacerdote muito diferente... Os padres do seu oratório viviam entre os garotos acostumados aos mais humildes serviços, arregaçavam a batina para brincar com eles, e a isto Dom Bosco preparava os jovens aspirantes ao sacerdócio; o seu bispo não quis portanto ordená-los. Tratava-se, de fato, de uma novidade inusitada”.²⁸

O autor constata este fato real para depois chegar às suas conclusões.

A nós interessa entender a idéia de uma concreta peculiaridade inculcada por Dom Bosco ao salesiano sacerdote. Fazemos isso pensando na pluriformidade reconhecida pelo Vaticano II e no modo de exercer o ministério sacerdotal. A tarefa comum ministerial da edificação do Corpo de Cristo, de fato, exige múltiplas funções e novas adaptações, sobretudo nestes tempos.²⁹

Hoje olhamos para os horizontes do terceiro milênio. Assistimos a mudanças muito rápidas e profundas. Vemos como a irrelevância da fé na cultura emergente é deletérea para a juventude e para as classes populares. Preocupa-nos o vasto e complexo setor da educação porque está submetido a uma espécie de bombardeamento por tantas novidades que lhe infundem dinamicidade sem as luzes da evangelização e, portanto, o estonteiam. A consideração atenta da originalidade do estilo pastoral de Dom Bosco deve-nos guiar na busca dos critérios com os quais enfrentar os atuais desafios.

Primeiramente o Salesiano-sacerdote é mandado (em solidariedade com o Salesiano-leigo) para uma missão no meio do mundo juvenil e popular; ela exige dele várias atitudes próprias da área educativo-cultural, do mundo do trabalho, na direção dos destinatários muitas vezes afastados da Igreja ou pertencentes a outras religiões. Ele deve sentir-se além disso colaborador, na comunidade, do Salesiano-leigo, em comunhão de vocação e solidariedade na elaboração e realização de um único projeto comum. É sua tarefa também participar ativamente da animação dos vários Grupos da Família Salesiana, consagrados e leigos.

Tudo isso requer uma adequada preparação, um atencioso cuidado e um modo peculiar de exercício ministerial.

Por isso será conveniente que se relacione constantemente com Dom Bosco como seu modelo;³⁰ deverá repensar, olhando para ele, as grandes possibilidades da “caridade pastoral” como fonte inesgotável de criatividade apostólica.

²⁸ Sergio Quinzio, *L'Espresso*, 21 de outubro de 1990.

²⁹ Cf. *Presbíterorum Ordinis* 8.

³⁰ Cf. *Const.* 21.

A caridade pastoral levou Dom Bosco, por especial iniciativa do Espírito Santo, a ser Fundador, ou seja a comunicar a muitos, como uma herança a ser desenvolvida, sua específica missão juvenil e popular. Exatamente porque tinha um carisma relacionado com seu ardor sacerdotal ele deu início a uma florescente Família apostólica, envolvendo homens e mulheres, leigos e religiosos. Demonstrou assim que o seu tipo de caridade pastoral pode ser "o centro e a síntese" de um "espírito salesiano partilhado por um vasto movimento de bem".³¹

A vida consagrada dos Institutos religiosos fundados por Dom Bosco não se insere sobre o modelo dos monges do deserto ou dos contemplativos dos mosteiros (que costumam ser apresentados como o início histórico da vida religiosa). Inspira-se isso sim na vida apostólica dos Doze e nas preocupações pastorais dos bispos (São Francisco de Sales) e dos sacerdotes interessados no trabalho entre o povo (Dom Bosco); portanto um tipo de consagração religiosa peculiar e estritamente, vinculada com a "caridade pastoral" do ministério ordenado.³²

A verdadeira identidade do Salesiano-padre interessa muito, não só aos irmãos da Congregação, mas também a todos os membros da grande Família Salesiana. Seu zelo ministerial e a profundidade de sua interioridade pastoral asseguram e alimentam a espiritualidade de todos. Mas é verdade também o contrário: se ele fosse um padre espiritualmente superficial, não um homem Deus; se sua atividade ministerial fosse fraca, sem força interior, seriam danificadas, infeliz e inevitavelmente, as próprias fontes do carisma de Dom Bosco.

Por isso, já há vários anos na Congregação estamos seriamente preocupados com uma melhor formação dos nossos sacerdotes.

Urgência de uma melhor formação salesiana

Uma parte notável dos trabalhos sinodais foi dedicada ao problema da formação dos sacerdotes. Depois de ter pesquisado os ambientes de nascimento das vocações, insistiu-se sobre a necessidade do "ano propedêutico" (uma espécie de noviciado), sobre as comunidades formadoras ou Seminários (em particular o Seminário maior), sobre a importância decisiva dos estudos apropriados em relação aos novos progressos científicos e as atuais exigências pastorais, sobre a competência e o sentido eclesial dos docentes, o clima humano, cristão e espiritual das comunidades formadoras, sobre a indispensabilidade da formação permanente em sintonia com o processo de inculturação. Falou-se também

³¹ Cf. *Const.* 10.

³² Cf. Egídio Viganó, *Per una teologia della vita Consacrata*, LDC, Coleção "Vita consacrata", 1986, pp. 10-11 e 33-34.

dos seminaristas vindos dos Movimentos e formados com seu espírito característico, mas que deverão relacionar-se naturalmente com o bispo e seu presbitério em plenitude de comunhão e de direção.

Para nós os critérios de formação do Salesiano sacerdote, segundo sua peculiar vocação, está na *Ratio*, promulgada a 8 de dezembro de 1985;³³ o Sínodo estimula-nos a sublinhar sua atualidade e importância. Devemo-nos alegrar constatando sua plena conformidade de inspiração com aquilo que se refere aos fundamentos da identidade do ministério ordenado, e sua clara percepção daquilo que é característico do nosso carisma. Devemos ser muito gratos àqueles que contribuíram na sua elaboração, revisão e aperfeiçoamento.

Temos na Congregação uma linha segura a ser seguida, dediquemo-nos a aprofundá-la e a colocá-la em prática! Só através de sua plena atuação será possível convergir em pontos centrais irrenunciáveis do nosso espírito.

Se olharmos, porém, para a realidade concreta da vida, devemos confessar, infelizmente, que nestes anos de renovação observou-se com preocupação, aqui e ali algumas Inspetorias, algumas falhas: seja na formação imediata ao sacerdócio, seja no acompanhamento dos primeiros cinco anos após a ordenação, seja na intensidade e adequação da formação permanente.

A insistência sobre a *formação permanente* foi um ponto forte nas preocupações dos padres sinodais. Disto já se falou em vários documentos do Magistério e também em nossos Capítulos gerais, de maneira particular no CG 23, nas Constituições, a *Ratio*, os Diretórios inspetoriais, mas nem todos — parece — compreenderam sua verdadeira natureza e normatividade. No campo profano, sem dúvida, é considerada o princípio ou o ponto de vista que regula o inteiro processo formativo-cultural, visto em sua globalidade e interdisciplinariedade, não mais fixado sobre um dado segmento da pessoa ou mesmo um período de existência. É um processo que envolve todas as expressões e os momentos do ato educativo desde a infância até à velhice. Isto é, atinge toda a existência, com os problemas que ela comporta, de cada homem (jovem ou adulto) segundo modalidades próprias e a nova modalidade de transmissão pedagógica, com as várias implicações e outras coisas mais.

No contexto da nossa vida salesiana o conceito de formação permanente se faz presente na globalidade da *Ratio*. Antes da atualização contínua nos vários campos da ação e missão salesiana (que deve ser considerada indispensável) ela vê através das Constituições³⁴ a nossa vida como "caminho de santificação" a ser percorrido no esforço cotidiano

³³ *A formação dos Salesianos de Dom Bosco — Princípios e normas*, EDB, São Paulo, 2ª edição, 1986, nn. 488ss.

³⁴ *Const.* 118, 119, 96, 98, 25.

de "crescer no perfeito amor a Deus e aos homens. Vê uma "resposta sempre renovada" à "especial aliança que Deus fez conosco"; uma vida de "docilidade ao Espírito Santo num esforço constante de conversão e de renovação".³⁵

A consequência destes breves acenos é esta: o período de formação inicial é sim caracterizado por específicos processos de crescimento, ricos de conteúdos próprios, mas sobretudo pela aprendizagem dos critérios e da metodologia que deverão acompanhar, dinamicamente e nas modalidades próprias, todas as fases da vida, privilegiando a dimensão da espiritualidade, razão primeira e final de tudo. A lógica do Batismo ou da Profissão religiosa, sendo incorporação à vida divina no seguimento de Cristo, por sua natureza visa o crescimento e o exige, como muitas vezes afirma em suas cartas o apóstolo Paulo.

E aqui gostaria ainda de acrescentar que, se é verdade que através dos estudos das etapas formativas iniciais visa-se desenvolver uma justa capacidade crítica e uma indispensável competência pedagógico-pastoral (infelizmente, porém, nem sempre cuidadosa diante das teorias deste ou daquele pesquisador), continua nalgum caso o perigo de não se cuidar adequadamente da competência e do fervor ministeriais próprios do espírito salesiano. O padre deve ser o homem de Jesus Cristo e da Igreja, enviado ao mundo para comunicar a salvação, a verdade integral, a misericórdia do Pai, a redenção do Filho, o poder interior do Espírito; por isso deve ser entusiasta e incansável em levar a esperança: um homem-sacramento, um sinal-pessoa.

Os padres sinodais trabalharam para apresentar a mais genuína identidade sacerdotal exatamente para poder melhor insistir sobre a indispensabilidade de uma adequada espiritualidade, nascida da caridade pastoral, que torne constantes no ardor. Os Institutos religiosos devem acrescentar a este dinamismo pastoral, para os seus padres, a peculiaridade do espírito do próprio carisma.

Sublinhou-o o card. Hamer, nas palavras citadas anteriormente, fazendo observar também concretas dificuldades: "Quando os futuros sacerdotes (religiosos) recebem toda sua formação institucional no âmbito do Instituto a que pertencem, a tarefa dos superiores é relativamente fácil. Mas não é o mesmo quando os superiores mandam os seus religiosos a Centros de estudos eclesiais fora do próprio Instituto. Neste caso, a responsabilidade dos superiores, em lugar de diminuir, aumenta notavelmente. De fato, a participação em um tal Centro de estudos pede que os jovens possam viver numa casa religiosa do seu Instituto, no seio de uma comunidade formadora viva, com a presença permanente de formadores qualificados, capazes de ajudar os jovens a integrar

³⁵ *A formação dos Salesianos de Dom Bosco — Princípios e normas*, EDB, São Paulo, 2ª edição, 1986.

na própria vida religiosa o ensinamento filosófico-teológico que recebem nos Centros de estudo. Isto implica grandes sacrifícios para os Institutos. E este é um alto preço que se paga para assegurar a unidade entre sacerdócio e vida religiosa. Ora esta unidade é um grande bem para o Corpo Místico".³⁶

A nossa reflexão sobre o acontecimento sinodal seja de verdade um convite e um estímulo para reconsiderar com atenção os conteúdos e as grandes linhas orientadoras da nossa *Ratio*, e sobretudo para rever, tanto nos Conselhos inspetoriais como nos "Curatórios" e em cada uma das Comunidades formadoras, a prática diária, com a finalidade de corrigir os defeitos de aplicação e de relançar a qualidade.

A *Ratio* faz parte do "Direito próprio" da Congregação e é portanto elemento vital da nossa Regra de vida;³⁷ foi redigida com a contribuição de toda a Congregação, em especial acordo com o texto renovado das *Constituições* e com o *Novo Código de Direito Canônico*.

Ela fundamenta-se sobre a identidade vocacional salesiana e apresenta um projeto formativo fortemente unitário.³⁸ Colocando em prática os princípios e as normas (escrevia apresentando-a) "ter-se-á mais claro o sentido da vocação, um dom historicamente atual, fecundo e original; encontrar-se-á a possibilidade de unificar a própria vida através do desenvolvimento integrado dos diferentes aspectos formativos (crescimento humano, preparação intelectual e profissional, vida religiosa e apostólica); sentir-nos-emos úteis socialmente, significativos e fecundos apostolicamente; desenvolver-se-á uma tríplice espiritualidade, o sentido de pertença à Congregação e o da comunhão eclesial, uma originalidade de serviço aos jovens e à sua condição".³⁹

Os Inspectores, os Diretores e os Formadores considerem sua tarefa prioritária reconsiderar muitas vezes os princípios e as normas deste nosso importante Documento e cumpram as tarefas nele indicadas com cuidado e inteligência. Através desse seu constante interesse brotará "o bem para as Inspetorias, a Congregação, e seu futuro. Será um semear entre dificuldades, mas na certeza de colher com alegria. Estas nossas escolhas importantes, estudadas e realizadas para todos, na vida da Congregação são como atos da sua renovação, aquela cópia 'passada a limpo' de que falava Dom Bosco quando a deixou em herança à nossa responsabilidade de discípulos, seus continuadores".⁴⁰

³⁶ *L'Osservatore Romano*, 12 de outubro de 1990.

³⁷ Cf. *Const.* 191.

³⁸ *A formação dos Salesianos de Dom Bosco — Princípios e normas*, EDB, São Paulo, 2ª edição, 1986.

³⁹ *Ib.* pp. 18-19.

⁴⁰ *Ib.* p. 20.

O CG 23 e o nosso crescimento pastoral

Realizamos o Capítulo Geral 23 que, sem tratar explicitamente da específica vocação do Salesiano-sacerdote, descreveu os horizontes da missão salesiana nas circunstâncias atuais: sua peculiaridade original, a leitura pastoral da atualidade, e a metodologia pedagógica para a evangelização.

Tudo isso interessa ao "Salesiano" enquanto tal, seja ele sacerdote ou coadjutor: e tudo isto fala da relação especial com a dimensão sacerdotal comum.

À luz do Sínodo, podemos portanto falar da peculiaridade "sacerdotal" (mais ampla do que a palavra "clerical") a ser melhorada na Congregação. Indico três aspectos que acredito fundamentais e envolventes; são eles: a "*qualidade pastoral*", a "*espiritualidade salesiana*" e a "*co-responsabilidade da comunidade*" como sujeito da missão. O fato de considerar estes aspectos na ótica do sacerdócio (seja batismal seja ministerial), evidencia alguns aspectos de sadia novidade que nos ajudará a aprofundar os valores.

— A "*qualidade pastoral*" é nota fundamental que envolve todo o documento capitular. As propostas de estudo da realidade, as análises dos contextos e a programação da caminhada e dos itinerários a serem percorridos, são apresentados todos como "*uma reflexão pastoral*".⁴¹

Esta qualidade vem do vigor do "da mihi animas" (o lema de São Francisco e de Dom Bosco "pastores"!), preocupa-se com a educação à fé, interessa-se em estudar a realidade concreta, utiliza os melhores meios humanos para conhecê-los e discerni-los, e estimula a estarmos atentos e não nos deixarmos envolver por interesses que não sejam genuinamente eclesiais. Poderíamos dizer que é uma atitude tipicamente "sacerdotal" no sentido pleno da palavra, enquanto envolve todos a se comprometerem em múltiplos serviços pedagógico-pastorais com a finalidade de fazer chegar aos destinatários a capacidade de celebrar a liturgia da própria vida incorporando-a na Eucaristia de Cristo.

Por isso, a solicitude pastoral não pára unicamente no conhecimento e no aprofundamento dos grandes princípios doutrinários ou do mesmo Evangelho (que evidentemente aprecia, ama e aprofunda), mas dedica-se também, e de maneira muito atenta e constantemente flexível, à percepção das circunstâncias concretas, a pesquisar os conteúdos e as motivações, a analisar as interpelações e a individuar o gênero dos desafios que deles surgem para a evangelização.

Com vistas à formação do Salesiano-padre, a ótica pastoral é sem dúvida elemento constitutivo e orientativo de todo o seu agir apostólico.

⁴¹ *Educar os jovens na fé: Documentos Capitulares*, EDB, São Paulo, 1990, 16.

— O segundo aspecto a ser considerado é o da “*espiritualidade salesiana*” como interioridade dinâmica que vem da “*caridade pastoral*.”⁴²

Já vimos que o nosso carisma nasceu do coração de Dom Bosco sacerdote. Sua espiritualidade é radicalmente “*sacerdotal*” que se inspira em Pedro, em Paulo, nos santos Pastores e em seus colaboradores. É uma espiritualidade que faz pensar naquilo que afirma Santo Agostinho comentando o Evangelho de João⁴³ sobre o mandato pastoral dado a Pedro; ele sente-se interpelado pelas “*palavras que Cristo lhe repete com insistência: ‘Me amas? Apascenta as minhas ovelhas!’*, que significam: se me amas, não pense em apascentar a ti mesmo, mas apascenta as minhas ovelhas, e apascenta-as como minhas, não como tuas; procura nelas a minha glória não a tua, o meu domínio não o teu, o meu lucro não o teu, se não queres estar no número daqueles que pertencem aos ‘*tempos difíceis*’, isto é daqueles que amam a si mesmos com tudo aquilo que vem deste amor de si, fonte de todo mal”.⁴⁴

É, como se vê, a espiritualidade salesiana do “*da mihi animas*”.

Traz consigo uma dupla e simultânea inclinação vital: a de crescer continuamente no amor que flui do coração de Cristo-Salvador, participando e fazendo participar os outros, qualquer que seja seu estado de vida, no sacerdócio da Nova Aliança; e a de sentir-se mandado a apascentar os pequenos e os pobres com generosa doação de si. É uma espiritualidade alimentada pela caridade pastoral com modalidade própria, que cultiva “*a atitude do Bom Pastor que conquista com a mansidão e dom de si*”.⁴⁵ A expressão “*união com Deus*”, “*respiro pelas almas*”, “*trabalho e temperança*”, “*fazer-se amar*”, “*servir o Senhor em santa alegria*”, “*todo sacrifício é pouco quando se trata da Igreja e do Papado*”, “*basta que sejais jovens para que eu vos ame*”, “*clima de família*”, “*espírito de iniciativa*”, “*sistema preventivo*” etc., relacionam todo salesiano (portanto o irmão padre) ao modelo do coração sacerdotal de Dom Bosco “*profundamente homem aberto às realidades terrestres, e cheio dos dons do Espírito Santo*” a ponto de viver na realidade cotidiana “*como se visse o invisível*”.⁴⁶

— Finalmente, o tema da “*co-responsabilidade na comunidade*” como sujeito da missão, enquanto faz pensar na mútua intercomunicação entre “*dimensão sacerdotal*” e “*dimensão laical*”, leva todos os irmãos, sob a direção daquele que representa Dom Bosco (um irmão padre), a agir tendo como objetivo uma síntese vital que saiba aproveitar

⁴² Cf. *Const.* 10.

⁴³ Jo 21, 17.

⁴⁴ *Tratados sobre São João* 123, 5.

⁴⁵ *Const.* 11.

⁴⁶ Cf. *Const.* 21.

constantemente a energia dos dois pólos em tensão: o da promoção humana e o do crescimento na fé. É uma "graça de unidade" específica da vocação salesiana, que impulsiona todo irmão a ter, como Dom Bosco, uma atitude "sacerdotal" sempre e em todo lugar: o ardor pastoral do educador. Todo salesiano de fato, padre ou leigo, vai-se modelando tendo diante de si Cristo Bom Pastor, de quem é sinal-pessoa a serviço da juventude.

O CG 23 insiste sobre a formação permanente para que toda comunidade seja "sinal e escola de fé". É característico do sacerdócio da Nova Aliança assumir a responsabilidade da fé dos outros. A comunidade salesiana faz isso continuando inserida no mundo juvenil, onde encontra também o campo propício para desenvolver sua formação permanente: "vivendo entre os jovens e em constante relação com os ambientes populares, o Salesiano se esforça para discernir nos acontecimentos a voz do Espírito, adquirindo assim a *capacidade de aprender da vida*".⁴⁷ Sim: a comunidade salesiana olha para a vida, como ao grande livro de leitura e como ao verdadeiro altar do sacrifício.

— Das reflexões sobre o CG 23, mesmo breves, percebe-se imediatamente a importância extraordinária que a Congregação dá à formação inicial e permanente do Salesiano-sacerdote para a fisionomia das nossas comunidades e para os seus múltiplos serviços, seja aos jovens, seja aos vários Grupos da Família Salesiana. A todos interessa seu crescimento na interioridade sacerdotal, com especial competência na contemplação e anúncio da Palavra de Deus, na valorização pedagógica e vital da liturgia, na direção espiritual através do sacramento da Reconciliação, na competência evangelizadora e catequética e, em geral, na habilidade de incorporar as iniciativas de promoção humana na síntese orgânica da fé cristã.

As indicações do caminho formativo e da metodologia a serem seguidas, manifestadas com autoridade pela *Ratio*, hoje adquirem uma validade particularmente atual à luz do CG 23.

Gratidão ao Pai e entrega a Maria

Para concluir, queridos irmãos, são sugestivos os pensamentos contidos nas últimas Proposições dos padres sinodais.

Inicialmente uma proclamação pública da gratidão ao Sacerdote: o seu ministério é necessário para o bem da Igreja; a sua virtude faz crescer os outros em espiritualidade; através dos seus serviços, especial-

⁴⁷ *Const.* 119.

mente da administração dos sacramentos,⁴⁸ infunde-se dinamicidade àquela consagração batismal que fez de todos um povo sacerdotal para a liturgia da vida.

O sacerdote é servidor em tempo integral da nossa dignidade cristã de verdadeiros filhos de Deus. Surge espontâneo do coração um forte sentido de gratidão para com todos aqueles que seguiram o chamado do Senhor entregando-se com generosidade à obra ministerial.

O sacerdote interessa vivamente aos fiéis; é um dom de Deus a ser apreciado, amado, considerado como parte viva da nossa existência.

Na beatificação dos dois sacerdotes, José Allamano e Aníbal Maria Di Francia, o Papa disse justamente: "o maior castigo com o qual o Altíssimo atinge os povos é quando não lhes manda seus ministros, melhor, ministros segundo o seu coração". Sentimo-nos convidados a intensificar as nossas orações pelas vocações sacerdotais, pela sua ótima formação segundo as circunstâncias atuais e pela perseverança e santidade dos sacerdotes. E procuremos fazer crescer nas pessoas, que se esqueceram, a grandeza e a necessidade do padre na sociedade. Demonstraremos assim que nos interessa o Padre do Ano Dois Mil!

— O outro pensamento, contido na última Proposição, é o relacionado à Santa Virgem Maria, "Mãe de Cristo e Mãe dos sacerdotes". Cristo foi consagrado sacerdote da Nova Aliança em seu seio. Maria acompanhou-o aos pés da Cruz no ato supremo do novo e único sacrifício. Partilhou com os apóstolos no cenáculo a espera da efusão do Espírito Santo para dar início ao ministério. Elevada ao céu, acompanha Cristo Eterno Sacerdote em sua permanente mediação. Sendo Mãe e Ícona da Igreja, reserva suas solitudes para os amigos de seu Filho que, através do ministro ordenado, participam de maneira peculiar no sacerdócio para o bem dos demais.

A formação do sacerdote relaciona-se com Ela, seja porque é a pessoa humana que melhor e mais plenamente respondeu à vocação de Deus, seja porque é a discípula que aceitou a Palavra do Pai em si e a gerou para todos. Maria, que é a Rainha dos Apóstolos, aparece como fúlgido estímulo e auxílio da comunidade cristã e ilumina constantemente sua missão com sua maternidade virginal.

Confiamos em sua solícita intercessão e em seu atento interesse pastoral pelas vocações, pela formação de todos nas atuais circunstâncias, a interioridade dos padres de todas as Igrejas particulares e, de maneira especial, dos Salesianos-sacerdotes para que seu espírito apostólico e sua competência ministerial cresçam segundo o modelo admirável dos dois ardentes corações sacerdotais de São João Bosco e de São Francisco de Sales.

⁴⁸ Cf. *Lumen Gentium* 11.

Assim, toda a Congregação, a Família Salesiana inteira e grupos cada vez mais numerosos de jovens e do povo compreenderão e celebrarão no cotidiano o sacerdócio batismal que incorpora os atos de amor de cada um no supremo ato pascal de Cristo, que é tão excelso que ninguém pode fazer algo maior.

Sim: o sacerdócio da Nova Aliança leva verdadeiramente a história do homem a concentrar-se no ponto alto do amor, construindo assim gradualmente ao longo dos séculos aquele Reino de Deus em que o Amor será tudo em todos.

Que o sesquicentenário da ordenação de Dom Bosco desperte na Congregação o íntimo apreço e o sentido vivo do sacerdócio-comum, através de maior autenticidade do ministério!

Cordiais saudações no Senhor,

P. Egidio Viganó

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1. A COMUNIDADE SALESIANA LOCAL

P. Juan Vecchi

Vicário do Reitor-Mor

A comunidade sempre foi objeto de particular atenção na vida da Congregação. Aparece de fato como um dos elementos que caracterizam a nossa vocação, em íntima união com a prática dos conselhos evangélicos e a missão apostólica. Anteriormente foram-lhe acentuadas as exigências ascéticas e disciplinares, numa certa visão da vida espiritual. Hoje, sob o impulso renovador do Concílio, sublinha-se sobretudo o valor da comunhão fraterna e da co-responsabilidade pastoral. Esta última está claramente afirmada no artigo 44 das *Constituições*, em que são apresentadas também as conseqüências práticas: o serviço animador da autoridade, a prática comunitária do discernimento pastoral, a atuação solidária do projeto apostólico.

O CG 23 assumiu estas orientações. Sem repeti-las, aplicou-as mais de perto à nossa tarefa de educar os jovens na fé. Intuiu, na comunidade que se propõe viver o Evangelho segundo o carisma salesiano, um *sinal* da fé que se quer anunciar, uma *escola* para acompanhar os jovens em seu crescimento cristão e um *ambiente* em que é possível fazer a experiência dos valores evangélicos.

Sem desconhecer as possibilidades da comunidade inspetorial e mundial, o CG 23 entrega a aplicação das deliberações e orientações operacionais, de preferência, à comunidade local. Ela de fato está em contato direto e contínuo com os jovens e o povo. Sua vida está mais exposta e, portanto, seu testemunho resulta mais evidente no bem e no mal. Nela ainda desenvolve-se a vida cotidiana da grande maioria dos irmãos.

Para realizar esta imagem de comunidade — sinal, escola, ambiente — o CG 23 pede que ela seja lugar de formação permanente através do exercício da co-responsabilidade pastoral e da comunicação fraterna. E para individualizar e qualificar os conteúdos da formação permanente, convida a comunidade local (apoiada pela Inspetoria) a elaborar um programa, de maneira que não seja só um fato ocasional, mas torne-se um estilo de vida e de ação.

A formação permanente encontra assim seu lugar privilegiado na comunidade local e seu “tempo” propício na vida cotidiana. Esta desenvolve-se segundo uma conveniente alternância de trabalho e de reflexão, enquanto do interior das pessoas a graça vai construindo a unidade entre ação e contemplação, entre interioridade e criatividade apostólica.

A *Formação dos Salesianos de Dom Bosco* (FSDB) oferece orientações e indicações para elaborar programas de formação permanente.

Oportunamente ocupar-se-á também o Dicastério correspondente a partir das indicações oferecidas pelo CG 23. Por ora, como primeiro passo, interessa assegurar as condições para que as deliberações do CG 23 sejam atuadas.

1. A consistência da comunidade

A primeira condição é a *consistência da comunidade*.

Existe uma consistência *numérica*, abaixo da qual parece desintegrar-se o sinal e a vida comunitária assim como são entendidos pelas *Constituições*. O art. 150 dos *Regulamentos Gerais* apresenta um critério para avaliar este limite, quando prescreve, que "em cada casa o número de sócios não seja, normalmente, inferior a seis". E o art. 20 dos mesmos *Regulamentos* entende defendê-lo também em situações de emergência, estabelecendo que nas presenças missionárias não seja inferior a três irmãos.

Mas unida à consistência numérica está a *qualitativa*. Ela consente à comunidade testemunhar a missão salesiana em toda sua riqueza. A missão de fato requer serviços múltiplos e diferenciados no campo da evangelização, da educação, da animação de uma comunidade de adultos, de uma presença significativa na região. E tudo isso num ambiente de família ao qual está confiada a síntese vital das diferentes ofertas e das várias intervenções.

Quando a comunidade local fica enfraquecida como sujeito pastoral, é a missão que por primeiro sofre, pois perde força e identidade. Formar as comunidades com forças suficientes evitará o cansaço prematuro dos irmãos, a impressão de estarem sendo esmagados pelo excesso de trabalho. Sobretudo ajudará a caminhar na direção da espiritualidade pastoral que o CG 23 coloca no centro das atuais preocupações.

É verdade que podem existir exceções, por motivos pessoais ou urgências pastorais imprevistas. Mas é também verdade que não se pode programar o desenvolvimento ou a reestruturação de uma Inspeção ignorando na prática os critérios estabelecidos nos *Regulamentos Gerais*. Isto deve ser particularmente atuado quando as forças são reduzidas e, ao mesmo tempo, devem ser tomadas novas iniciativas para responder às necessidades prementes do povo ou diante das exigências dos Pastores. A dispersão dos irmãos torna-se então uma tentação e um risco, que parecem justificados pela vontade de colaboração. Para não renunciar à iniciativa, antes mesmo de pensar só em expandir as obras, é preciso buscar soluções na escolha das prioridades.

É uma tarefa da competência do Inspetor e do seu Conselho. Eles são responsáveis pela expansão e pela configuração da Inspeção. A eles pois recomenda-se rever as situações em que a consistência comu-

nitária está abaixo do que é conveniente e organizar oportunamente o desenvolvimento das obras.

Mas a comunidade local tem também sua responsabilidade. A ela compete organizar a vida e as atividades de maneira que todos os aspectos do nosso carisma possuam uma expressão equilibrada. Deve pois medir o desenvolvimento das iniciativas com as próprias possibilidades realizando sobretudo escolhas de qualidade.

2. O Diretor e o Conselho

A possibilidade de que a comunidade local torne-se lugar cotidiano de crescimento religioso, cultural e profissional está unida ao exercício da autoridade, aos objetivos concretos que esta se prefixou e às modalidades com as quais se comunica.

A influência da autoridade sobre a vida de um grupo é um elemento fundamental em todos os setores do agir humano. Para nós é ulteriormente confirmado através da experiência destes anos de renovação. Deve-se então agradecer, animar e acompanhar aqueles que são dispostos e prestam este serviço.

A resposta na Congregação a esta constatação, é dada no volume *Il Direttore salesiano: un ministero per l'animazione e il governo della comunità locale*.

O CG 23 retoma-a e viabiliza-a quando pede às Inspetorias para que prevejam "particulares iniciativas de formação dos Diretores no campo da direção espiritual comunitária e pessoal". A grande importância da direção espiritual não diminui nenhuma das responsabilidades do Diretor: ele "é o primeiro responsável pela vida religiosa, pelas atividades apostólicas e pela administração dos bens. Com a colaboração do seu Conselho anima e governa a comunidade..." (*Const.* 176). Mas para todas estas tarefas escolhe-se uma perspectiva unificadora, particularmente urgente e importante neste sexênio à luz do objetivo de educar os jovens à fé; o crescimento espiritual de cada um dos irmãos e da comunidade.

Ao Diretor e ao seu Conselho pede-se pois que sejam elementos de animação espiritual e de orientação pastoral. Eles devem levantar o questionamento sobre o sinal evangélico que a comunidade está dando e estimular a reflexão de modo que a consciência de cada um e da comunidade não caia na rotina. Devem seguir o desenvolvimento de cada atividade para assegurar sua justa impositação e alcançar as finalidades pastorais. A eles está confiada também a responsabilidade de orientar a avaliação anual para descobrir novos espaços e modalidades mais eficientes de intervenção e reestruturar as tarefas dos Salesianos seguindo o crescimento da comunidade educativa.

Para que a formação permanente desejada pelo Capítulo Geral seja uma realidade na comunidade local, deve-se repensar o serviço e o funcionamento do Conselho presidido pelo Diretor. Podem ser utilizados como roteiro para esta reflexão os nn. 6.1. e 6.3. de *Il Direttore Salesiano* ou o comentário ao Capítulo XIII das *Constituições em O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*.

3. A vida da comunidade

Referindo-se à “formação permanente”, o CG 23 valoriza a partilha das qualidades dos irmãos na tarefa que desempenham, no trabalho que realizam, através dos dons que receberam, das competências adquiridas. A comunicação sincera e sóbria favorece a reflexão co-responsável da nossa experiência de Deus, dos desafios culturais, do nosso serviço pastoral. Desta maneira cresce a pessoa e amadurece a comunidade.

O modo de vida que as urgências pastorais nos impõem não oferece muito tempo para a reflexão em comum. Trata-se então de aproveitar ao máximo os momentos já estabelecidos no nosso ritmo de vida: as reuniões comunitárias para a programação e a avaliação, os encontros de oração, os momentos de comunicação, os tempos de retiro e de descanso.

A importância destes momentos já foi sublinhada desde o início do processo de renovação que levou-nos à situação atual. “Numa comunidade religiosa, afirmava o CGE 20, tem importância decisiva os encontros regulares ou sugeridos por circunstâncias particulares. Procurando participar diligentemente dos diversos atos comunitários — oração, diálogo, trabalho, conferências, refeições, momentos de distensão, etc. — cada um dos membros concorre grandemente para o entendimento fraterno. Ao passo que não participando, ele próprio fica mais pobre, comete uma falta para com os demais e corre até o perigo de vir a encontrar-se à margem da comunidade” (CGE 488).

Agora duas coisas nos são pedidas. A primeira é a de procurar maior convergência das temáticas que se desenvolvem nestes encontros para que não sejam ocasionais e fragmentárias. Podem servir de orientação algumas dimensões fundamentais da nossa vida sobre as quais voltar mais tarde para um confronto enriquecedor com a Palavra de Deus, ou alguns problemas com os quais entramos em contato no nosso ministério de educadores e pastores.

A segunda é a melhora qualitativa destes momentos comunitários. Nos encontros são fundamentais os níveis de envolvimento e participação dos irmãos, sua vontade e capacidade de comunicar. São também importantes, no serviço de animação, as competências para favorecer e estimular a comunicação. Isto ultrapassa a mera técnica. É um aspecto,

e não menos profundo, da fraternidade, pobreza e transparência evangélica.

4. O dia da comunidade (CG 23 n. 222)

O CG 23 quis apresentar uma sugestão: o dia da comunidade. É uma experiência positiva em várias Inspetorias, que agora é proposta a toda a Congregação. É o esforço para estabelecer um novo equilíbrio entre as diferentes exigências da nossa vida. De fato a correria diária não favorece sempre alternar cotidianamente trabalho e reflexão, tempos de dispersão e tempos de convivência. É preciso pois recuperar esta integração através do ritmo semanal.

A condição primeira para realizar a deliberação capitular é que cada comunidade local, com o apoio da Inspetoria, estabeleça na própria programação meio-dia, ou algumas horas, semanalmente, em que os irmãos sejam livres de outros compromissos. É importante que a idéia seja aceita e que se inicie com aquilo que é possível, mesmo que seja pouco.

Este tempo semanal pode ser utilizado no retiro mensal marcado no n. 72 dos *Regulamentos*, na reunião comunitária de avaliação e reprogramação, numa reflexão teológica, espiritual, pastoral ou cultural, num momento de lazer comunitário.

É preciso, porém, sobretudo assegurar o espírito e os conteúdos desse dia. Deve ser vivido como uma oportunidade de confronto e síntese, de encontro e incentivo da dimensão fraterna. A intenção é a de olhar os acontecimentos pessoais e sociais de um ponto de vista evangélico, de agir iluminado por uma reflexão que se enriquece com novas motivações e perspectivas.

A sugestão do "dia da comunidade" inspira-se em indicações fundamentais da nossa Regra de vida. Afirmam de fato os *Regulamentos*: "...a comunidade assegure equilibrada distribuição de encargos, momentos de repouso e de silêncio e oportuno lazer comunitário" (43).

5. Um propósito do sexênio

O CG 23 manifestou uma acentuada sensibilidade prática. Preocupou-se para que as deliberações penetrem na vida, inspirando um estilo evangélico, simples e transparente. Daqui a alguns anos, após um período de esforço, teremos que avaliar primeiramente: "No próximo sexênio, a Congregação terá como empenho prioritário a formação e qualificação contínua dos irmãos. Cultivará especialmente a interioridade apostólica, que é ao mesmo tempo caridade pastoral e capacidade pedagógica" (CG 23, 221).

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.2. O MISSAL PRÓPRIO DA FAMÍLIA SALESIANA

P. José Nicolussi

Conselheiro Geral para a Formação

Sinto-me feliz de vos comunicar que a esperada edição oficial do *Missal Próprio da Família Salesiana* é uma realidade.¹ Em breve sairá a edição latina e depois as diferentes traduções. Considero este momento particularmente propício para fazer três breves considerações:

1. Apresentar o documento em sua estrutura completa: as principais novidades, os conteúdos, retomando quase ao pé da letra o texto do decreto de promulgação e algumas partes da introdução.
2. Sublinhar como este Missal pode ser um fator de renovação de nossa identidade carismática, atualizada com as perspectivas do CG 23 e da nossa santidade.
3. Convidar-vos a conhecer e estudar este Próprio para valorizá-lo pessoal e comunitariamente como eficaz contribuição à nossa formação permanente.

1. Principais novidades e conteúdos do Missal

A ampliação do calendário salesiano com o acréscimo de novas memórias e mais adequada colocação de outras exigiu uma "revisão completa" do *Proprium* salesiano para que respondesse no conteúdo e na forma às instâncias da renovação conciliar da Família Salesiana.

Este texto, promulgado pelo Reitor-Mor a 31 de janeiro de 1990, apresenta "algumas novidades" de interesse em relação à edição anterior das *Missas próprias da Sociedade de São Francisco de Sales* de 1974: inicialmente o título, *Missal Próprio da Família Salesiana*, indica os numerosos e diferentes destinatários e evidencia, também com este sinal, a nossa realidade eclesial. A divisão em dois volumes corresponde não só a uma escolha ditada por motivos práticos, mas insiste na presença de Cristo na Palavra e no Pão da vida. Os formulários completos são

¹ *Missal Próprio da Família Salesiana. Missal*, edição oficial, Sociedade de São Francisco de Sales, Roma, 1990, p. 259.

Missal Próprio da Família Salesiana. Lecionário, edição oficial, Sociedade de São Francisco de Sales, Roma, 1990, p. 211.

Lembramos também a publicação do *Ritual da Profissão Religiosa*, edição oficial, Sociedade de São Francisco de Sales, Roma, 1989, p. 191 (do *Ritual* foram publicadas as edições inglesa e espanhola).

enriquecidos com uma abundância de textos eucológicos e com uma vasta escolha de leituras bíblicas. Enriquecido foi também o apêndice.

Vejamos agora, parte por parte, a estrutura e os principais conteúdos dos dois volumes iniciando pelo MISSAL. Abre-se com os decretos de promulgação do Reitor-Mor e de aprovação da Congregação pelo Culto divino e a disciplina dos Sacramentos; está dividido em seis partes.

Primeira parte: PREMISSAS

Uma rica introdução de quinze páginas apresenta, em ordem, os seguintes pontos: a santidade na história da salvação, o culto dos Santos na Igreja, o calendário próprio da Família Salesiana, as várias partes da Missa, a "comunhão dos Santos". São páginas que merecem uma leitura atenta e meditada. Ajudam a viver a celebração, educam ao sentido litúrgico, sugerem uma inteligente valorização dos textos.

Segunda parte: AS MISSAS

É esta a parte central do volume. Contém os "formulários" completos das missas de "Maria Auxiliadora", "Padroeira principal do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e da Família Salesiana" e de "seis santos": Francisco de Sales, "Bispo e doutor da Igreja, titular e padroeiro da Família Salesiana", chamado nas Constituições "pastor zeloso e doutor da caridade" (*Const.* 9); João Bosco "Pai e mestre da juventude", Fundador da Sociedade de São Francisco de Sales, do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e dos Cooperadores salesianos"; Domingos Sávio "adolescente", que as *Constituições* no-lo apontam como "sinal das maravilhas da graça nos adolescentes" (*Const.* 9); Maria Domingas Mazzarello "Virgem, Co-fundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora"; Leonardo Murialdo e José Cafasso "sacerdotes". Seguem os "sete bem-aventurados": "a adolescente" Laura Vicuña, os "protomártires salesianos" Luís Versiglia e Calisto Caravário, os "sacerdotes" Luís Orione, Luís Guanella, Miguel Rua e Filipe Rinaldi, "Fundador do Instituto secular das Voluntárias de Dom Bosco". Esta parte contém os formulários litúrgicos para a missa da comemoração dos irmãos salesianos defuntos e do aniversário da dedicação da própria igreja.

Os "formulários" das missas são "completos". Também as missas dos bem-aventurados que só têm a coleta própria, são completadas com os textos tirados do Missal Romano. Cada um dos formulários apresenta inicialmente uma indicação "hagiográfico-litúrgica". Esta focaliza antes de tudo as coordenadas de tempo, lugar, formação humana e cristã; depois, faz uma síntese dos temas presentes nos textos eucológicos e que apontam as características essenciais da santidade de cada um. Esta indicação poderá ser útil seja na preparação dos comentários e da

homília, seja para elaborar oportunamente a oração dos fiéis, bem como a escolha dos cantos.

Numerosos e abundantes são os "textos eucológicos" hauridos no patrimônio comum do Missal Romano, novos ou renovados. Juntamente com os textos das leituras bíblicas, das antifonas de entrada e da comunhão, eles querem oferecer uma tipologia da santidade salesiana como foi vivida por cada um deles. É uma riqueza presente sobretudo nas coletas e nos novos embolismos dos prefácios.

A "coleta" tem uma referência direta ao santo ou ao bem-aventurado do qual celebra-se a festa; focaliza a índole própria juntamente com as características de sua atividade apostólica. Às vezes, a presença de uma "segunda coleta" "para a comunidade religiosa" permite adaptar com melhor propriedade a celebração ao itinerário de fé e à realidade vocacional da assembléia.

As "orações sobre as ofertas e depois da comunhão", também se referem diretamente ao mistério eucarístico, contém sintéticas e oportunas referências à experiência espiritual do santo ou do bem-aventurado. O mesmo pode-se dizer dos prefácios, especialmente nas solenidades e nas festas, que sintetizam com breves frases as maravilhas realizadas pelo Espírito nos nossos irmãos e, através deles, impulsionam-nos à ação de graças e à glorificação do Pai.

Nalgumas circunstâncias as "bênçãos solenes" enriquecem e completam o quadro temático da celebração.

Terceira parte: RITO DA MISSA

Reproduz o rito completo com o texto das primeiras quatro orações eucarísticas.

Quarta parte: ANEXOS

Traz as três orações eucarísticas para a missa com crianças; missas para algumas circunstâncias da vida salesiana (para o ano catequético, ano escolar, para encontros vocacionais, para encontros de animadores e catequistas, para retiros e Exercícios espirituais com os jovens) e a missa votiva de Maria Auxiliadora.

Quinta parte: CANTOS PARA O RITO DA MISSA

São 31 páginas com textos e melodias para os diferentes ritos da celebração de acordo com cada um dos formulários.

Sexta parte: ORAÇÃO UNIVERSAL

A "oração universal" ou oração dos fiéis é um dos elementos da celebração que favorecem uma participação maior e mais responsável. Seja o *Missal* como o *Lecionário* contém para cada celebração o texto de um ou dois formulários completos, que podem facilitar e estimular a resposta da assembléia.

O LECIONÁRIO

Para facilitar seu uso e para que fosse mais completo o *Lecionário* contém, como o *Missal*, os Decretos, as Premissas e a Oração universal: mas a parte central é formada, como é natural, pelas 140 páginas que trazem as "leituras bíblicas próprias, apropriadas e à escolha", de acordo com as celebrações, os salmos responsoriais e as aclamações ao Evangelho. Esta abundância e variedade evidencia a importância da Palavra de Deus na celebração, oferece a possibilidade de focalizar aspectos particulares da espiritualidade ou da atividade do santo e permite maior adaptação às diferentes assembléias.

As últimas páginas do *Lecionário* trazem o índice das leituras, dos salmos, dos cânticos e o índice geral.

2. Uma oportunidade de renovação

Ter nas mãos este novo livro litúrgico da Família Salesiana constitui um fato cujo significado ultrapassa o aspecto editorial e ritual; pode de fato oferecer "uma oportunidade e um estímulo" para refletir sobre alguns aspectos da nossa identidade carismática, da nossa missão e ser objeto de "avaliação". Por isso rapidamente assinalo alguns possíveis roteiros.

2.1. Expressão e celebração da nossa identidade carismática

"O novo *Missal*, escreve o Reitor-Mor no decreto de promulgação, apresenta-se como um meio para celebrar dignamente as riquezas do carisma eclesial recebido; para viver melhor o Evangelho, com Dom Bosco, entre os jovens e o povo; para seguir as pegadas dos 'modelos' (espelho de peculiar santidade que fixa o olhar no Pai, o totalmente Santo). É pois um instrumento que, na celebração do memorial da Páscoa de Cristo, ajuda a fazer memória da santidade da nossa Família (*Rm* 11, 16: 'Se santa é a raiz, o serão também os ramos') e a prolongar este compromisso na liturgia da vida".

O *Missal Próprio da Família Salesiana* é de certa maneira a “expressão litúrgica da nossa identidade”: daquele “estilo peculiar de santificação” (MR 11) que faz parte da índole própria do nosso carisma, daquela santidade “que se realiza na missão salesiana” (*Const.* 25). Celebramos assim na Páscoa de Jesus Cristo, Apóstolo do Pai, a maneira salesiana de nossa participação nela, assim significativamente manifestada na consagração apostólica dos nossos santos.

Os “textos bíblicos”, escolhidos com a sensibilidade que na leitura do Evangelho e de toda a Escritura torna-nos mais atentos a certos traços da figura do Senhor, a certas manifestações da paternidade de Deus e da presença ativa do Espírito, confrontam-nos com o caminho evangélico que caracteriza a nossa consagração (cf. *Const.* 24). São textos que podem ser utilizados numa “lectio divina salesiana”. A eles pode-se aplicar, em primeiro lugar, o que afirmam as *Constituições* sobre a Palavra de Deus ouvida com fé: “é para nós fonte de vida espiritual, alimento da oração, luz para conhecer a vontade de Deus nos acontecimentos e força para viver com fidelidade a nossa vocação” (*Const.* 87).

2.2. Na perspectiva do CG 23

Um confronto com a “reflexão” e as “orientações do CG 23” poderia nos permitir a descoberta e a valorização de alguns elementos da contribuição salesiana do *Missal*.

O Capítulo Geral na perspectiva da nova evangelização, e mais particularmente da educação dos jovens à fé, evidenciou: a importância do itinerário de fé vivido e apresentado pedagogicamente com sensibilidade apostólica e educativa, a peculiaridade do projeto original de vida cristã característico da espiritualidade salesiana, a exigência para quem quer assumir salesianamente o desafio da nova evangelização juvenil daquela interioridade apostólica que é ao mesmo tempo caridade pastoral e capacidade pedagógica.

Os irmãos e irmãs dos quais fazemos memória na liturgia, diferentes de nós pela idade, vocação pessoal e modalidade de participação à nossa peculiar missão, oferecem-nos a “experiência” de um itinerário de fé realizado neles até o heroísmo e o testemunho de educadores e evangelizadores que souberam propôr e partilhar a experiência de Emaús (cf. CG 23, 93). Neles resplandecem os traços característicos da espiritualidade salesiana que o CG 23 nos propôs em dimensão juvenil, e da qual Domingos Sávio e Laura Vicuña são expressão singular oficialmente reconhecida pela Igreja.

Na vida e no trabalho cotidiano destes “modelos” salesianos podemos colher a centralidade desta interioridade apostólica, feita de caridade pastoral e capacidade pedagógica, que é o compromisso prioritário deixado pelo Capítulo (cf. CG 23, 221).

Através dos textos do *Missal* chega até nós portanto a mensagem do testemunho que é a única linguagem capaz de convencer os jovens a percorrerem um caminho de fé (cf. CG 23 n. 219).

2.3. Cultivar e difundir outras formas de celebração da santidade salesiana

O *Missal* convida-nos a viver e cultivar algumas "atividades salesianas" indicadas nas *Constituições* e nos *Regulamentos* e a avaliar sua incidência na nossa experiência pessoal, na vida da comunidade, no nosso trabalho de educadores pastores. Focalizamos algumas afirmações.

Nutrimos por "Maria", nosso modelo (*Const.* 92) e nossa principal padroeira (*Const.* 9), presente entre nós especialmente como Mãe da Igreja e Auxiliadora dos cristãos (*Const.* 8), uma devoção filial e forte, e celebramos suas festas para nos estimular a uma imitação mais convicta e pessoal (*Const.* 92).

Como salesianos temos em comum alguns sinais de devoção para com Ela: o terço, a comemoração mensal, a oração cotidiana que conclui a meditação, o uso da bênção de Maria Auxiliadora (*Regul.* 74).

A Virgem Maria é uma presença materna na caminhada que percorremos como educadores à fé dos jovens e com os jovens; procuramos torná-la conhecida e amada (*Const.* 34; CG 23, 121. 157. 177). Sentimo-nos comprometidos em difundir com zelo a devoção a Maria Auxiliadora e incentivar a Associação (*Regul.* 74).

Fazendo memória dos "nossos santos", sentimo-nos em comunhão com os irmãos do Reino Celeste, necessitados de seu auxílio (*Const.* 9). As testemunhas daquela santidade que atua na missão salesiana, e em particular aqueles que viveram em plenitude o projeto evangélico das *Constituições*, são para nós estímulo e ajuda no caminho de santificação (*Const.* 25) e nos impulsionam a continuar com fidelidade a missão (*Const.* 94).

Estas indicações, que deverão ser obviamente vistas numa perspectiva mais ampla e mais profunda, constituem porém um lembrete para avaliar a nossa experiência espiritual, a nossa pedagogia especialmente atenta à sensibilidade juvenil e popular. É por demais sabido que o culto dos santos, depois de um certo esfriamento após o Concílio, volta a ser atual. Demonstra-o o renovado interesse dos estudiosos pela hagiografia cristã, mas pede-o também o renovado apreço pela religiosidade e a piedade populares, que aponta, entre outras coisas como, diante dos perigos e dos movimentos de descristianização, Nossa Senhora e os Santos são vistos quais mediadores de identidade cristã e de pertença eclesial. Também nisto para nós é decisivo o exemplo de Dom Bosco pastor e pedagogo; por Nossa Senhora e pelos Santos a ele mais familiares sentiu uma particular atração e transmitiu isso a seus jovens.

3. Conhecer e valorizar o Missal salesiano

Chegou ou irá chegar o novo *Missal da Família Salesiana*.

Saibamos pois estruturar esta pequena ocasião com sensibilidade para a nossa formação e qualificação, que deve ser característica deste período (cf. CG 23, 221).

Não pensamos que seja um livro de sacristia e que deva ser utilizado só uns minutos antes e durante a celebração. Procuremos “conhecê-lo”, apreciar seu valor, aproveitar a variedade e as riquezas que oferece. Preparemos adequadamente as celebrações, para que tenham qualidade, e não feitas às pressas ou marcadas pela monotonia e a rotina.²

Os “textos” do *Missal* “podem também servir” em momentos pessoais de meditação, nas horas comunitárias de oração, de partilha da Palavra (“lectio divina”), de preparação das celebrações, como textos de referência para dias de retiro, como base bíblica e vivencial nos Exercícios espirituais.

O *Missal* pode e deveria ser utilizado inteligentemente na apresentação da espiritualidade salesiana, no estudo da teologia espiritual, da espiritualidade litúrgica, da teologia da vida religiosa e na reflexão pessoal.

Uma “apresentação e um diálogo comunitário” durante um dos encontros formativos sugeridos pelo CG 23 (cf. n. 222) pode favorecer o conhecimento deste livro litúrgico e criar o ambiente para uma reflexão sobre os aspectos indicados e sobre outros ainda. É uma tarefa confiada em primeiro lugar à responsabilidade de animação do Diretor, a quem é oferecida uma ocasião privilegiada de “direção espiritual comunitária” (CG 23, 223).

Termino com uma palavra de agradecimento a todos aqueles que, de várias maneiras, colaboraram com inteligência e sacrifício na preparação do nosso *Missal*, esperando que termine quanto antes o *Próprio Salesiano da Liturgia das Horas*, que está em adiantada fase de preparação.

A todos, os votos de que este livro seja um precioso subsídio de fidelidade e que a celebração litúrgica da vida dos nossos irmãos nos impulse a fazer de toda a nossa vida um “culto espiritual” (Rm 12, 1) e um testemunho que evangeliza (cf. CG 23, 219).

² Para aprofundar comunitariamente estes aspectos podem-nos ajudar as orientações das nestes últimos anos pelo dicastério para a Formação:

P. Paulo Natali, “As nossas celebrações. Renovação litúrgica, criatividade e normas”, ACG 321;

P. Paulo Natali, “Introdução à leitura da carta apostólica ‘Vicesimus quintus annus’”, ACG 330.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.3. SOLIDÁRIOS COM DOM BOSCO NO LESTE

P. Omero Paron

Ecônomo Geral

“Solidariedade fraterna”: nome novo para afirmar coisas sempre vividas. Na Congregação, por exemplo, também as modalidades eram outras e tudo vinha do alto. Entre as primeiras casas salesianas — Valdocco, Mirabello, Lanzo, Alassio... — havia um verdadeiro e constante intercâmbio de pessoas e meios.

Foi o Vaticano II a sublinhar de maneira nova, como para tantas outras coisas, a “solidariedade” nos Institutos religiosos. O decreto *Perfectae Caritatis*, no n. 13, pede que no próprio Instituto os religiosos se ajudem mutuamente com os bens materiais de maneira que os mais favorecidos venham em socorro dos menos favorecidos.

Continuamos, assim, a nos ajudarmos reciprocamente, sem repetir tanto, uma vez que “solidariedade” tornou-se pensamento comum, isto é, de todos os dias. Quando se trabalha, quando vai-se à mesa, quando se reza, em particular quando se apresentam as despesas nos balancetes, os irmãos não são esquecidos.

Com o CG 22 se quis constitucionalizar uma certa modalidade de “solidariedade” que poderíamos chamar “extraordinária”, isto é aquela que é reservada para circunstâncias particulares, às quais providencia o Inspetor e seu Conselho a convite do Reitor-Mor, em determinados momentos e modalidades. Esta chamada solidariedade extraordinária experimentamo-la com satisfação no Ano Centenário de Dom Bosco. Foi acenado e todos os filhos responderam prontamente unindo-se ao redor do Pai para honrá-lo.

Agora temos outro motivo para unir-nos em solidariedade: sublinha-o o Reitor-Mor e o Conselho Geral na recente sessão plenária. Para a Congregação de fato está se abrindo “uma nova fronteira missionária, para o Leste, para a Europa oriental”.

Conhecemos os últimos acontecimentos históricos, nos quais foram envolvidos também os nossos irmãos. Fala-se de construir uma nova “casa comum”, e cada um reassumir sua parte e imprimir nela a própria identidade e princípios. Não queremos estar ausentes nesta reconstrução, porque consideramos necessária a bandeira salesiana. É preciso novamente reativar a vida e a atividade da Congregação mortificada por mais de quarenta anos. Não só: é preciso aumentar e conquistar novas posições num mundo que se abre e favorece novas expansões.

Portanto, o Reitor-Mor e o seu Conselho abrem para o Leste a porta da “solidariedade” e convidam todas as comunidades inspetoriais à

solidariedade ("solidários com Dom Bosco no Leste"). Enquanto estão sendo preparados planos missionários e ao mesmo tempo procura-se o pessoal, iniciamos solicitando as coisas mais simples e ao alcance de todos, como os auxílios materiais para reativar as casas e algumas obras devolvidas em condições como cada um pode imaginar depois de anos de semi-abandono e descuido.

Com esta finalidade foi instituído junto ao Economato geral um depósito em dinheiro chamado "FUNDO DOM BOSCO LESTE" administrado pelo próprio Reitor-Mor. É um desafio contra o tempo, e é importante apressarmo-nos para que os jovens do Leste possam encontrar Cristo também com a ajuda dos filhos de Dom Bosco.

Solicitando esta forma de "solidariedade", não pretendemos minimamente mortificar as outras que sempre estiveram presentes na Congregação e que não podem aqui ser enumeradas, exatamente porque muitas vezes a direita não sabe o que faz a esquerda.

Queremos porém lembrar, para que não caia no esquecimento, a forma de "solidariedade, que nasce do sacrifício pessoal dos irmãos, estimulados comunitariamente", e cujo fruto é destinado principalmente para aliviar a vida de outras comunidades mais necessitadas.

Sabemos como nasceu esta "solidariedade". Seguindo o chamado do Vaticano II, na carta sobre a pobreza (ACS 253), o P. Ricceri convida a uma concreta solidariedade entre as casas da mesma Inspeção, entre as Inspeções e a Direção geral. Este chamado "concreto" já tinha sido feito na Reunião dos Inspectores da América Latina no mês de maio de 1968. Lembro entre outras coisas que não se limitava só aos bens materiais, mas estendia-se também a outras formas de ajuda especialmente de pessoal. A carta do P. Ricceri teve uma seqüência em ACS n. 256, quando esclareceu-se que os "frutos desta solidariedade devem vir de cada um de nós como pessoas, de nós como comunidade". Na prática "da nossa pobreza vivida mais generosamente, de uma administração mais cuidadosa e atenta, de uma economia inteligente e sábia e — por que não? — de certas renúncias a não poucas coisas supérfluas e inoportunas".

O argumento interessa, encontra eco na Congregação, tanto é verdade que volta em sucessivos números dos *Atos do Conselho Geral*. Algumas expressões ajudam a completar o pensamento. Afastamento das "diversidades" existentes entre irmãos de uma mesma família recomendou-se. Não certamente achatamento e rígida uniformidade. Existem "diversidades" ligadas a situações geográficas, sociais, étnicas, ambientais, ou dependentes de temperamentos, de saúde, de situações particulares. Existe porém sempre um "limite às diversidades"! (ACS n. 258).

E ainda: "a prática da solidariedade, com suas variadas aplicações, não pode ser uma iniciativa da hora, mas deve tornar-se uma ação per-

manente, como permanente e estável é a prática da caridade fraterna da qual a solidariedade é um aspecto" (ACS n. 259).

Em ACS 260 o P. Ricceri, depois de ter afirmado que a caridade é a roupa de todos os dias, sugeria: "a Quaresma e o Advento especialmente são as ocasiões que cada ano nos estimulam a renovar concretamente a nossa caridade para com os irmãos".

Assim nasceu a campanha "solidariedade fraterna". Os *Atos do Conselho* publicaram as ofertas e seus destinatários.

Voltando ao Leste. Um irmão confiava: "sofremos perseguições e toda sorte de sofrimentos físicos e morais. Quando porém dois ou três de nós falávamos da Congregação, sentíamos as costas cobertas, porque sabíamos de não estávamos sozinhos".

Hoje mais do que ontem e todos estamos conscientes disso!

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

3.1. TAREFA ESPECIAL DE COORDENAÇÃO PARA O PROJETO ÁFRICA

Na sessão plenária de setembro-dezembro 1990 o Conselho Geral estudou cuidadosamente a deliberação com a qual o CG 23 confiava ao Reitor-Mor com seu Conselho uma especial tarefa de coordenação para o Projeto África. Como conclusão da reflexão, o Reitor-Mor com seu Conselho aprovou as disposições, que aqui são apresentadas, fixando seja o Conselheiro encarregado pela coordenação seja as áreas da mesma coordenação.

Eis o texto aprovado:

1. Deliberação do CG 23 (cf. CG 23, 310)

“O CG 23 confia ao Reitor-Mor com seu Conselho o cuidado de exercer, nas formas consideradas mais oportunas, uma função especial de coordenação, com a finalidade de ajudar os irmãos que trabalham na África a assumir uma consciência da cultura africana, capaz de orientar eficazmente o crescimento das presenças salesianas, a atividade pastoral e em particular o processo formativo”.

2. Para a atuação desta deliberação o Reitor-Mor com o seu Conselho estabelece o seguinte:

- 2.1. A função especial de coordenação será exercida pelo Conselheiro para as Missões Salesianas.
- 2.2. A finalidade de coordenação é principalmente a de fazer crescer a consciência da cultura africana nas presenças salesianas da África.
- 2.3. As áreas específicas de coordenação serão as seguintes:
 - 2.3.1. O crescimento e a consolidação das presenças do Projeto África, através de:
 - prévia consulta visando a fundação de novas presenças;
 - planejamento destas presenças, consultando os Inspetores e Regionais;
 - acompanhamento na fase de execução;
 - coordenação na preparação de eventuais novas circunscrições.

2.3.2. A pastoral missionária:

O Conselheiro para as Missões terá a tarefa de orientar e coordenar a práxis missionária na África, em entendimento com o Conselheiro para a Pastoral Juvenil e os respectivos Conselheiros Regionais.

2.3.3. O processo formativo:

Será competência do Conselheiro para as Missões a coordenação para a criação e localização das estruturas formativas na África (numa visão de conjunto e distribuição de estruturas de acordo com as línguas), em entendimento com o Conselheiro para a Formação Salesiana.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Nestes meses o Reitor-Mor participou sobretudo da sessão plenária do Conselho Geral. Houve, todavia, alguns outros momentos importantes para sua tarefa de animador e centro de unidade da Congregação e da Família Salesiana.

Em particular, a 19 de setembro esteve presente na inauguração do CG XIX das Filhas de Maria Auxiliadora na Casa Geral em Roma. Com as participantes do Capítulo Geral viveu alguns momentos significativos, e participou da Eucaristia conclusiva, juntamente com o Conselho Geral Salesiano, na noite de 16 de novembro.

Nos dias 29 e 30 de setembro esteve em Tarazona, na Espanha, para participar da consagração episcopal de Dom Miguel Asumendi, ex-inspetor de Valência.

No dia 27 de outubro esteve em Nápoles: respondendo ao convite do card. Michele Pellegrino, falou aos animadores pastorais da Arquidiocese, que se preparava para receber a visita de João Paulo II, sobre o ministério do Papa.

A Espanha recebeu-o novamente no mês de novembro (dias 1-4) para participar do IX Encontro Nacional das paróquias salesianas. Sempre no mês de novembro, nos dias 10-11, esteve em Macerata por ocasião das celebrações centenárias da presença salesiana naquela cidade. A 17 do mesmo mês esteve em Sesto San Giovanni, no encontro dos docentes salesianos e leigos, para os quais desenvolveu o tema: "Cultura e fé: mútua relação entre nova educação e nova evangelização"; depois visitou Sândrio, a 18 de novembro, para a comemoração do Bem-aventurado Filipe Rinaldi.

No dia 9 de dezembro, com o encerramento da sessão plenária, viajava para Monteortone (Pádua) para fazer os Exercícios espirituais juntamente com os membros do Conselho geral. Terminados os Exercícios, no dia 15 em Veneza-Mestre inaugurou pela manhã a nova obra do Instituto São Marcos; na tarde do mesmo dia, em Pádua, no colégio Dom Bosco das FMA, recebeu a homenagem da Família Salesiana, por ocasião da tradicional festa anual que as Inspetorias organizam ao sucessor de Dom Bos-

co. Estes dias de encontro e de festa, nas duas Inspetorias do Trivêneto, encerraram-se a 16 de dezembro, com o encontro dos jovens do Movimento Juvenil Salesiano em Mogliano Vêneto.

Este ano, o Reitor-Mor antecipou para o dia 22 de dezembro a "Boa Noite da Lembrança" às FMA. Depois do Natal, a 28 do mesmo mês, viajou para Nairobi, com um programa de três dias de visita ao Quênia, seguidos da pregação dos Exercícios espirituais em Madagascar, aos irmãos salesianos e às FMA dos vários centros de missão na grande ilha.

4.2. Crônica do Conselho Geral

O Conselho Geral reuniu-se pela segunda "sessão plenária" deste sexênio, na sede da Casa Geral, no dia 18 de setembro de 1990. Os Conselheiros estavam de volta de um primeiro contato nas várias Inspetorias da Congregação, iniciado logo após a sessão de maio, para visitar os irmãos e as comunidades e transmitir as primeiras indicações do CG 23.

A sessão convocada para setembro, e que adiantou-se até a metade de dezembro com reuniões regulares e intensas, tinha uma pauta bem variada, que compreendia (além das práticas normais) uma específica reflexão sobre as orientações do CG 23 para este sexênio.

Oferecemos um breve resumo dos pontos principais estudados durante a sessão.

1. Nomeação de Inspetores. Além do despacho de numerosas práticas das Inspetorias (nomeação de Conselheiros inspetoriais e de diretores, abertura e ereção canônicas de casas, autorizações de caráter econômico, práticas relacionadas a determinados irmãos, etc.), também nesta sessão o Conselho Geral dedicou um bom tempo ao discernimento para a nomeação de um discreto número de Inspetores.

Iniciando pelo exame aprofundado das consultas inspetoriais e pela análise de cada uma das situações, através do diálogo, a reflexão e a oração, o Reitor-Mor e Conselho chegaram à designação de 13 Inspeto-

res e de um Superior de Visitadoria. Eis os nomeados, em ordem alfabética: Barón, Marcos, para a Inspetoria de Medellín (Colômbia); Baruffi, Helvécio, para a Inspetoria de Porto Alegre; Bihlmayer, Herbert, para a Inspetoria de Munique (Alemanha); Buccolini, Alejandro, para a Inspetoria de Rosário (Argentina); Carrara, Alfredo, para a Inspetoria de Belo Horizonte; Cuvelier, Marc, para a Visitadoria da Coreia; Havasi, József, para a Inspetoria da Hungria; Hipperding, Rubén, para a Inspetoria de Bahia Blanca; Linares Muñoz, Juan, para a Inspetoria das Antilhas; Malinowski, Zbigniew, para a Inspetoria de Varsóvia; Mizobe, Francisco Osamu, para a Inspetoria do Japão; Myladoor, Thomas, para a Inspetoria de Bangalore (Índia); Polackal, Thomas, para a Inspetoria de Calcutá (Índia); Videla, Alfredo, para a Inspetoria do Chile.

(No n. 5.1 destes ACG encontram-se alguns dados relacionados a cada um dos Inspetores nomeados.)

2. Relações dos Conselheiros e levantamento de algumas urgências. Como acenou-se antes, os Conselheiros chegavam das primeiras visitas feitas às Inspetorias neste início de sexênio. Eles relataram ao Conselho, com sintéticas relações informativas, os itinerários feitos, as impressões tidas e sobretudo os problemas encontrados nos vários aspectos da vocação e missão salesiana. Isto permitiu ao Conselho individualizar algumas urgências, sobre as quais ter-se-ia depois voltado na fase de programação.

3. Objetivos do sexênio. O ponto central da pauta da sessão era certamente a reflexão sobre as orientações do CG 23 para fixar algumas linhas de programação para o sexênio.

O Conselho dedicou, portanto, numerosas reuniões para aprofundar as deliberações, contidas na terceira parte dos documentos capitulares (particularmente os números de 219 a 260), considerando especificamente o que o CG 23 pede ao Reitor-Mor e seu Conselho. No discernimento procurou-se as modalidades para ajudar Inspetorias e comunidades locais na atuação do que lhes compete nos vários pontos que o Capítulo Geral indicou como prioridade para a missão de "educar os jovens na fé".

Como conclusão da reflexão realizada, o Conselho Geral pôde indicar os "objetivos do sexênio", entendidos como linhas de prioridade na animação que o Conselho quer oferecer às comunidades inspetoriais e locais.

Partindo da escolha fundamental de renovar nos irmãos e na comunidade a capacidade de educar os jovens na fé à luz da nova evangelização, os objetivos foram assim articulados:

- 1º Assegurar a formação e qualificação contínua dos irmãos na comunidade local e inspetorial;
- 2º Privilegiar e qualificar no trabalho pastoral a educação dos jovens na fé;
- 3º Envolver, co-responsabilizar e formar os leigos na comunidade educativa, na Família Salesiana e na região;
- 4º Dedicar particular atenção à orientação, proposta e acompanhamento vocacional.

4. Função especial de coordenação para a África. Uma das orientações do CG 23, envolvendo diretamente o Reitor-Mor com seu Conselho, falava da especial função em relação ao Projeto África, que o Capítulo Geral auspicia para um maior desenvolvimento do próprio Projeto (cf. CG 23, 310).

O Conselho Geral aprofundou as indicações do CG 23, chegando à elaboração de algumas conclusões que dá ao Conselheiro para as Missões a clara tarefa de guiar essa coordenação, estabelecendo também as áreas nas quais se moverá.

No n. 3.1. destes ACG encontra-se o texto conclusivo redigido na sessão do Conselho.

5. Programação de cada um dos Dicastérios e das Regiões. Estabelecidos os objetivos gerais, o Conselho Geral quis estudar a programação do sexênio também em relação mais explícita aos vários setores de animação, determinados pelas *Constituições* e indicados aos vários Conselheiros.

Portanto, o Vicário do Reitor-Mor, os Conselheiros de cada um dos Dicastérios (Formação, Pastoral Juvenil, Missões, Família Salesiana, Comunicação Social, Económico), bem como o Secretário geral, apresentaram as linhas de programação, do próprio setor, em relação seja à função consti-

tucional, seja às específicas exigências aflo-
radas no último Capítulo Geral.

Também cada um dos Conselheiros re-
gionais propuseram as principais linhas pro-
gramáticas, tendo em vista a animação das
Inspetorias, sobretudo para melhor atua-
ção do CG 23.

Das relações dos Conselheiros e da re-
flexão, muito ampla e clara, apareceram
as linhas prioritárias a serem seguidas nos
diferentes setores e alguns problemas que
serão ulteriormente deixados para o discer-
nimento. No final, de fato, de todas as pro-
postas e do amplo debate, foi feita uma lis-
ta de "temas para reflexão", para os quais
o Reitor-Mor indicará uma reflexão parti-
cular.

6. *Algumas linhas para um "projeto leigos".*
Entre os temas particulares, surgidos duran-
te a sessão, o Reitor-Mor quis que se inicia-
se logo a examinar o "projeto leigos", in-
dicado no n. 238 do CG 23. Portanto uma pe-
quena Comissão de Conselheiros elaborou e
apresentou ao Conselho um primeiro es-
boço intitulado "Elementos e linhas para
um projeto leigos". Como foi dito também
no próprio Conselho, trata-se de algumas
notas para uma contribuição mais articula-
da, destinadas primeiramente aos Conse-
lheiros, sobre as quais poder-se-ão reco-
lher reações e sugestões visando uma su-
cessiva elaboração mais completa.

A estes temas principais, que ocuparam
intensamente o Conselho, acrescentaram-
se outros, mais particulares, relacionados
com as Inspetorias e as comunidades.

A sessão foi depois enriquecida, além
dos momentos de fraternidade e de oração,
com alguns especiais encontros. Entre es-
tes destacam-se os três encontros dos Dire-
tores das comunidades da Itália e do Médio
Oriente (distribuídos em grupos de Inspeto-
rias), aos quais o Reitor-Mor e os Conselhei-
ros ofereceram reflexões sobre o CG 23, e
o encontro dos novos Inspetores, eleitos
em maio p.p., que realizou-se de 26 de no-
vembro a 4 de dezembro.

A sessão concluiu-se com os Exercícios
Espirituais, dirigidos por Dom Vitório Piola,
bispo emérito de Biella, na casa "Mamãe
Margarida", hóspedes da comunidade sa-
lesiana "São Marcos" de Monteortone
(Pádua).

Depois dos Exercícios espirituais reali-
zou-se a festa anual do Reitor-Mor, prepa-
rada e animada pelas duas Inspetorias sa-
lesianas "São Marcos" e "São Zeno" do Tri-
vêneto, juntamente com as duas Inspeto-
rias das Filhas de Maria Auxiliadora. Nes-
ta festa houve a inauguração do novo Insti-
tuto "São Marcos" de Veneza-Mestre, na
presença do card. Marcos Cè, patriarca
de Veneza, várias autoridades civis, mui-
tos jovens e amigos da Obra salesiana.
Momentos significativos foram depois o
encontro com a Família Salesiana, no Insti-
tuto "Dom Bosco" das FMA, em Pádua, na
tarde de sábado, 15 de dezembro, e a con-
vocaçãõ do Movimento Juvenil Salesiano
domingo de manhã, no Instituto Astori de
Mogliano Vêneto, durante o qual três jo-
vens salesianos fizeram a sua profissão
perpétua.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Novos Inspetores

Apresentamos alguns dados sobre os Inspetores nomeados pelo Reitor-Mor com seu Conselho durante a sessão plenária setembro-dezembro 1990.

1. *P. BARÓN, Marcos, para a Inspetoria de Medellín (Colômbia)*

Natural de Albán, Cundinamarca (Colômbia), onde nasceu a 17 de abril de 1940, Marcos Barón entrou no Colégio salesiano de La Ceja onde estudou sua vocação e passou para o noviciado, na mesma cidade. A 29 de janeiro de 1959, concluído o noviciado, professava na Congregação Salesiana.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, foi mandado para UPS de Roma terminar os estudos teológicos, onde alcançou a licenciatura em Teologia e foi ordenado sacerdote a 21 de janeiro de 1968.

De volta à própria Inspetoria, foi chamado logo em seguida a cargos de responsabilidade. Em 1972 fazia parte do Conselho inspetorial e em 1973 era nomeado Diretor de La Ceja. Durante um sexênio, de 1976 até 1982, foi também Vicário do Inspetor. No mês de janeiro de 1981 foi nomeado Mestre dos noviços de Rionegro, encargo que continuou em La Ceja "Sagrado Coração" (também como Diretor) quando, em 1985, foi transferido o Noviciado.

Em 1990 trabalhou na casa de Cali. Participou como delegado da Inspetoria no CG 23.

2. *P. BARUFFI, Helvécio, da Inspetoria de Porto Alegre (Brasil)*

Helvécio Baruffi nasceu a 18 de julho de 1944 em Luiz Alves, Santa Catarina. Atraído pela vocação salesiana, fez o Noviciado na casa de Taquari, terminando com a primeira profissão a 31 de janeiro de 1964.

Após os estudos filosóficos e a prova do tirocínio, freqüentou o curso teológico em São Paulo, alcançando no final a Licenciatura em Teologia. A 30 de dezembro de 1973 era ordenado sacerdote em Massaranduba. Nos anos seguintes conseguiu também a licença em letras e filosofia. Esteve

também na UPS para freqüentar o curso de espiritualidade.

Na Inspetoria o P. Helvécio Baruffi serviu em vários cargos de responsabilidade. Em 1977 era nomeado Diretor de Ponta Grossa; três anos depois foi chamado ao serviço de Mestre dos noviços no Noviciado de Curitiba, encargo que recobriu até 1989, quando foi mandado como Diretor a Viamao. Desde 1984 participava do Conselho inspetorial.

3. *P. BIHLMAYER, Herbert, da Inspetoria de Munique (Alemanha)*

Para o serviço de Inspetor da Inspetoria de Munique (Alemanha) foi chamado o P. Herbert Bihlmayer. Nascido a 24 de maio de 1935 na cidade de Immenstadt, na Baviera, entrou em contato com os salesianos e, depois de um período passado na casa de Bamberg, fez o noviciado em Ens Dorf e no final do mesmo fez sua primeira profissão religiosa a 15 de agosto de 1955.

Após as primeiras experiências pedagógico-pastorais e os estudos filosóficos, freqüentou o curso de teologia no estudentado de Benediktbeuern, onde foi ordenado sacerdote a 29 de junho de 1964. Conseguiu também os diplomas civis no campo pedagógico.

Sua experiência de educador salesiano levou-o logo ao contato com os jovens: durante vários anos foi diretor do Centro Juvenil "AZ" em Benediktbeuern. Nesta mesma casa em 1985 foi-lhe confiada a tarefa de diretor da comunidade encarregada do centro de estudos e da formação dos jovens salesianos estudantes de filosofia, pedagogia e teologia. No mesmo ano de 1985 foi também chamado a fazer parte do Conselho inspetorial.

4. *P. BUCCOLINI, Alejandro, da Inspetoria de Rosário (Argentina)*

Natural de Ferré, província de Buenos Aires (Argentina), onde nasceu a 18 de janeiro de 1930, Alejandro Buccolini conheceu os salesianos freqüentando o colégio salesiano de La Trinidad e, sentindo-se chamado, fez o Noviciado em Los Condores,

professando pela primeira vez a 31 de janeiro de 1948.

Após as primeiras experiências salesianas, fez os estudos no estudantado de Córdoba, onde foi ordenado sacerdote a 24 de novembro de 1957.

Tendo conseguido o título de "mestre normal nacional" e a licença em letras clássicas, desempenhou seu ministério como professor e educador. Em 1975 foi-lhe confiado o encargo de Diretor no aspirantado de Funes e ao mesmo tempo entrou a fazer parte do Conselho inspetorial. Três anos depois, em 1978 era chamado ao serviço de dirigir, como Inspetor, a comunidade inspetorial de Rosário.

Terminado o sexênio como Inspetor, continuou no trabalho de animação inspetorial e em 1985 foi nomeado Vicário. Desde 1986 era também Diretor da casa pós-noviçado de Funes.

Deve-se assinalar a participação no CG 22.

5. *P. CARRARA, Alfredo, da Inspeção de Belo Horizonte (Brasil)*

Natural de Santo Antônio do Amparo, Minas Gerais, onde nasceu a 25 de junho de 1932, Alfredo Carrara fez sua primeira profissão salesiana a 31 de janeiro de 1949, no final do ano de Noviciado em Pindamonhangaba.

Após o tirocínio prático, freqüente os estudos teológicos em São Paulo, onde foi ordenado sacerdote a 8 de dezembro de 1958. É também diplomado em Filosofia.

Com o trabalho de educador e professor o P. Carrara recebe outros encargos de responsabilidade. Em 1965 é nomeado Diretor da casa de São João del Rei, e em 1972 é chamado a dirigir a própria Inspeção de Belo Horizonte, como Inspetor. No final do sexênio, janeiro de 1979, é escolhido como Mestre dos noviços (e Diretor) do Noviciado de Barbacena, tarefa que exerce até 1988, quando foi-lhe confiada a direção do Centro de Formação, sempre em Barbacena. Desde 1985 era também Conselheiro inspetorial.

Assinala-se sua participação em três Capítulos Gerais (20, 21 e 22).

6. *P. HAVASI, József, da Inspeção da Hungria*

A suceder ao P. János Pásztor, chamado por Deus ao prêmio no mês de outubro p.p., foi chamado o P. József Havasi.

Nascido a 14 de março de 1929 em Rahosszentmuháli, na província de Pest (Hungria), ele freqüentou a escola ginasial em casa salesiana nos tempos difíceis da guerra, e, feito o Noviciado na casa de Mezonvárd, fez a profissão a 16 de agosto de 1947.

Após a experiência do tirocínio e dos primeiros estudos filosófico-teológicos, em 1956 foi para a Itália. Ali, passado um breve período com os prófugos húngaros em Gallipoli, retomou o estudo da teologia em Monteortone, perto de Pádua. A 11 de fevereiro de 1960 era ordenado sacerdote em Turim.

Passou depois para a Áustria, a serviço do "Salesianum" de Viena. Neste pensonato para estudantes trabalhou como assistente pedagógico, vicário e administrador. Ao mesmo tempo ele conseguiu manter contatos com os irmãos que ficaram na Hungria, confortando-os de várias maneiras em sua vocação salesiana.

7. *P. HIPPERDINGER, Rubén, da Inspeção de Bahía Blanca (Argentina)*

Rubén Hipperdinger nasceu em Santa Maria, Coronel Suárez, na diocese de Bahía Blanca, a 6 de dezembro de 1941. No colégio salesiano de Fortín Mercedes, realizou seus estudos e conheceu a vocação salesiana. Após o Noviciado, feito em Morón, professou como religioso salesiano a 31 de janeiro de 1966.

Realizado o tirocínio prático e feitos os estudos teológicos, foi ordenado sacerdote em General Roca a 14 de agosto de 1976.

O seu ministério de sacerdote e educador desenvolveu-o em várias casas da Inspeção patagônica, com longa tradição missionária. No mês de janeiro de 1981 foi chamado a dirigir a casa de Esquel; e no final do triênio foi mandado, sempre como Diretor, para a casa de Comodoro Rivadavia. Desde 1985 era Conselheiro inspetorial e há al-

guns anos tinha o encargo de animador da pastoral juvenil e vocacional da Inspeção.

8. *P. LINARES MUÑOZ, Juan, da Inspeção das Antilhas*

Juan Linares nasceu a 9 de julho de 1943 em Guijo de Ávila, na província de Salamanca, na Espanha. Conhecidos os Salesianos, fez o Noviciado em Mohernando, e no final emitiu sua primeira profissão a 16 de agosto de 1964.

Seguindo o chamado missionário, partiu jovem para a Inspeção das Antilhas, onde fez sua primeira experiência prática salesiana.

De volta à Espanha para os estudos teológicos, que realizou em Salamanca, foi ordenado sacerdote a 22 de abril de 1973. Em Salamanca conseguiu também a licença em catequética e o diploma em psicologia clínica. Fez também alguns cursos de pastoral juvenil.

De volta à Inspeção das Antilhas, serviu em cargos de responsabilidade. Em 1978 foi nomeado Conselheiro inspeção e em 1979 foi-lhe confiada a direção da casa "Maria Auxiliadora" de S. Domingos, dando vida a uma obra em favor dos garotos mais pobres.

9. *P. MALINOWSKI, Zbigniew, da Inspeção de Varsóvia (Polónia)*

Zbigniew Malinowski, natural de Radzymin, diocese de Varsóvia, onde nasceu a 21 de junho de 1935, atraído pela vocação salesiana fez o Noviciado em Czerwinski, onde emitiu a primeira profissão a 2 de agosto de 1953.

Após a prova do tirocínio, realizou os estudos teológicos no estudantado salesiano de Lad, e aí foi ordenado sacerdote a 3 de junho de 1962.

Feitos os estudos na Universidade Católica de Lubin, onde conseguiu a licença em teologia e o diploma em música, prestou seu ministério sacerdotal em diferentes casas da Inspeção. Em 1978 era nomeado Diretor da casa do Noviciado em Czerwinski e dois anos depois entrava a fazer parte do Conselho inspeção. Em 1984 era chamado ao serviço de Vicário do Inspetor,

encargo que desempenhou até sua nomeação a Inspetor no mês de outubro de 1990.

Participou como delegado da Inspeção na CG 23.

10. *P. MIZOBE, Francisco Osamu, para a Inspeção do Japão*

Francisco Osamu Mizobe nasceu a 5 de março de 1935 em Shingishu, na Coréia, de pais japoneses. De volta ao Japão com a família, conheceu os salesianos na escola de Myazaki e, seguindo a vocação, entrou no Noviciado de Chofu, Tóquio, onde professou pela primeira vez a 25 de março de 1955.

Após os primeiros estudos e a primeira experiência salesiana, foi mandado para Turim, Itália, onde realizou os estudos teológicos no Pontifício Ateneu Salesiano, alcançando a licença em teologia. Ordenado sacerdote a 9 de fevereiro de 1964, frequentou em Roma a Universidade Gregoriana, onde conseguiu a licença em História eclesial. Em seguida, completou os estudos na universidade Sophia de Tóquio, alcançando o diploma em História japonesa.

Durante vários anos desempenhou o ministério de professor e educador. Em 1979 foi nomeado Diretor da casa de Nakatsu Nagasoe. Em 1984 foi transferido como Diretor para a casa de Chofu, Tóquio, sede do Noviciado e da comunidade formadora dos jovens salesianos japoneses.

Em 1985 entrou a fazer parte do Conselho inspeção e em 1989 era Vicário inspeção. Em 1990 participou do CG 23 como delegado da Inspeção.

11. *P. MYLADOOR, Thomas, da Inspeção de Bangalore (Índia)*

Natural de Aruvithura, no Kerala, onde nasceu a 23 de junho de 1933, Thomas Mylador foi aluno no colégio salesiano de Tirupatur, onde cresceu a vocação salesiana, passando depois para o Noviciado de Kotagiri; fez sua primeira profissão a Yercaud a 24 de maio de 1954.

Após a experiência salesiana do tirocínio, fez os estudos teológicos no estudantado de Shillong, onde foi ordenado sacerdote a 19 de maio de 1963.

De volta à sua Inspetoria de origem (Madras), prestou seu ministério de sacerdote e educador nalgumas casas. Em seguida, esteve em Roma onde freqüentou o curso de espiritualidade na UPS. Em 1971 foi-lhe confiado o encargo de Ecônomo inspetorial, que desempenhou por seis anos. Em 1977 foi mandado como Diretor à casa de Madras-Pukianthop. Em seguida, quando a Inspetoria de Madras foi separada da nova Inspetoria de Bangalore, foi incorporado a esta última. Foi então nomeado Diretor da casa de Alwaye (1982) e sucessivamente, em 1985, Vicário inspetorial, encargo que recobria quando foi escolhido como Inspetor. Desde 1986 era também Diretor da casa inspetorial.

12. *P. POLACKAL, Thomas, da Inspetoria de Calcutá (Índia)*

Thomas Polackal nasceu em Changanacherry, no Kerala, a 25 de dezembro de 1936. Após ter freqüentado o aspirantado de Tirupattur, foi mandado a Shillong para o ano de Noviciado, terminado o qual fez sua primeira profissão a 10 de abril de 1957.

Realizou suas primeiras experiências salesianas no Norte da Índia, depois voltou para o Sul para estudar teologia que fez em Poonamallee, Madras; aqui foi ordenado sacerdote a 19 de dezembro de 1966. Alcançadas as habilitações civis para o ensino, esteve sucessivamente na UPS de Roma, onde obteve a licença em espiritualidade.

Logo foi chamado a encargos de responsabilidade. Em 1973 foi nomeado Diretor da casa de Bandel, e no ano seguinte foi chamado a fazer parte do Conselho inspetorial. Em 1979 foi transferido como Diretor para a obra de Calcutá Tengra (escola tipográfica e centro catequético), de onde em 1982 passou a Kalyani, no nascente "magistério" para salesianos coadjutores.

Desde 1985 era Vicário inspetorial e Diretor da casa inspetorial de Calcutá. Participou, como delegado da Inspetorial, do CG 23.

13. *P. VIDELA, Alfredo, na Inspetoria do Chile*

Para suceder ao P. Ricardo Ezzati foi chamado o P. Alfredo Videla, nascido a 23

de janeiro de 1930 em Santiago do Chile e salesiano desde o dia 2 de fevereiro de 1947, quando fez sua profissão em Santa Filomena, onde realizara o seu Noviciado.

Após os estudos filosóficos e a prova prática do tirocínio, fez o curso teológico no estudantado de Santiago do Chile e foi ordenado sacerdote a 5 de agosto de 1956. Completou depois os estudos, alcançando o diploma em filosofia e pedagogia, e a especialização em catequese.

Logo em seguida os superiores o chamaram ao serviço de animador e diretor. Em 1965 foi-lhe confiado o encargo de Diretor em Quilpé, quando em 1967 passou a "La Gratitud Nacional" em Santiago, sempre como Diretor, permanecendo aí por um sexênio. Em 1972 foi nomeado Conselheiro inspetorial e em 1978 Vicário do Inspetor, encargo que desempenhou até 1984. Desde 1984 era Diretor da obra "Patrocínio São José" de Santiago.

Participou do CG 23 como Delegado da Inspetoria.

* * *

Além desses Inspetores, o Reitor-Mor com seu Conselho nomeou o P. Marc CUVELIER, Superior da Visitadoria da Coréia, para um segundo sexênio (para os dados, cf. ACG 312, p. 74).

5.2. Novo Bispo salesiano

Dom João CORSO, Bispo de Campos (RJ)

Com a data de 13 de outubro de 1990 *L'Osservatore Romano* publicava a notícia de que o Santo Padre nomeara Bispo o nosso irmão P. João Corso, promovendo-o à sé residencial de Campos (RJ).

Natural do Estado de São Paulo, onde nasceu a 2 de março de 1928, João Corso foi aluno do colégio salesiano de Lavrinhas, onde cresceu sua vocação salesiana, passando depois para o Noviciado de Pindamonhangaba; aqui fez sua profissão religiosa a 5 de março de 1944.

Após as primeiras experiências apostólicas e depois de ter freqüentado os estudos teológicos em São Paulo, foi ordenado sacerdote a 30 de agosto de 1953.

Diplomado em Sociologia e doutor em Direito Canônico, professor no Instituto Teológico "Pio XI" de São Paulo, foi Diretor de algumas Casas da Inspeção de São Paulo (Campinas, Americana, Campos do Jordão). Foi também membro do Tribunal eclesiástico da Arquidiocese de São Paulo.

Em 1981 foi chamado a Roma como Pro-

fessor na Faculdade de Direito da nossa Universidade Pontifícia Salesiana e em 1984 foi nomeado Diretor da Comunidade "Jesus Mestre" e Conselheiro da Visitadoria da UPS.

Em 1985 o Santo Padre nomeara-o Prezado Auditor da "Romana Rota", cargo que desenvolveu até atual nomeação a Bispo.

5.3. Irmãos falecidos

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const.).

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP	
P AMBROSIO Alberto	Cuneo	25.10.90	63	ISU
L ARAUZ ESCOLANO Mariano	Mohernando	13.12.90	91	SMA
S ANH LE QUANG John	Ben Cat	31.10.90	38	VIE
P BAUSE Aloys	Bonn	08.12.90	75	GEK
L BERTOLDO Tullio	Venezia	15.12.90	80	IVE
P BIANCO Dario	Torino	02.11.90	72	ISU
P BOESSO Marcello	Pinerolo	25.09.90	48	ICE
P BREGLIA Emanuele	Castellammare di Stabia	06.10.90	78	IME
P BRISSIO Juan	Rosario	10.11.90	78	ACO
L CECCOMORI Marsilio	Lima	22.10.90	83	PER
P COLLADO CAMPOS Manuel	Córdoba	12.11.90	64	SCO
P CONTI Gabriele	Perugia	29.09.90	78	IAD
P CORNELIO Libero	Torino	15.12.90	79	ISU
P CORONEL Guido	Minga Guazú	15.11.90	79	PAR
P De la CHARLERIE Nicolas	Waremmé	06.12.90	71	BES
P DELACROIX Henri	Bruxelles	02.11.90	77	BES
P DIAZ GUTIERREZ Gustavo	Caracas	27.11.90	61	VEN
P DUARTE Rogelio	Asunción	18.10.90	82	PAR
P FACCHINI Giovanni	Rovato	08.12.90	54	ILE
L FANTINI Ottavio	Hong Kong	23.11.90	98	CIN
P FELS Saverio	Roma	26.11.90	72	FIL
P FERRARI Luigi	Roma	23.11.90	82	IRO
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>				
P FIORETTI Antonio	Civitanova Marche	07.09.90	85	IAD
P FRANGIOLINI Enzo	Terni	20.10.90	66	IAD
P GADDA Luigi	Milano	29.12.90	83	ILE
P GARSOU Henri	Cap-Haïtien (Haïiti)	25.11.90	73	ANT
P GARZENA Giuseppe	Torino	09.12.90	90	ISU
P GASPARINI Angelo	San Gabriel	21.12.90	69	ECU
P GIACOMELLO Ivano	Shillong	10.02.90	83	ING
P GNOLFO Giovanni	Catania	01.09.90	86	ISI
P GOMEZ RUIZ Antonio	Sevilla	20.07.90	61	SSE
P GORKIC Giovanni	Lanuvio	22.12.90	83	IRO
L GORSKI Jan	Lublin	23.11.90	91	PLS

Nome	Lugar e Data da morte	Idade	INSP
P GUTIERREZ DE LA PEÑA Ramón	Córdoba	11.10.90	56 SCO
P HECK Theobaldo	Curitiba	01.09.90	52 BPA
P IKEDA Sadao Joseph	Beppu	20.10.90	65 GIA
P ISGRO Salvatore	West Havestraw	18.11.90	59 SUE
<i>Foi Inspetor por 6 anos</i>			
P KARCZEWSKI Ludwik	Wejherowo (Rumia)	13.11.90	68 PLN
L LETTNER Mario	Montevideo	22.10.90	67 URU
L MAROZZI Francisco Benedicto	Rosario	14.09.90	81 ARO
P MONARI Silvio	Bologna	27.11.90	81 ILE
P MOSER Angelo	Itajaí	12.08.90	77 BPA
P OBIOLS FARRERES Pablo	Barcelona	09.07.90	86 SBI
P PACE Giulio	Borgomanero	04.12.90	82 INE
P PARCIAK Kazimierz	Marszalki	24.11.90	65 PLO
P PAVANI Igino	Castello di Godego	28.10.90	65 IVE
P PENINGER Adolf	Wien	16.10.90	87 AUS
P PFEFFERLE Karl	Ravensburg	03.10.90	29 GEM
L PIETRZYKOWSKI Pawel /	Lódz	09.10.90	25 PLE
P PILATO Cataldo	Catania	06.11.90	82 ISI
L PIRES FERRER Paulo	Campo Grande	12.11.90	71 BCG
P PITRUN František	Kroměříž	20.11.90	75 CEP
P PÁSZTOR János	Budapest	10.10.90	76 UNG
<i>Foi Inspetor por 8 anos</i>			
P RAJTAR Peter	Sl'azany	05.11.90	78 CEB
L RIBOLDAZZI Giancarlo	Borgomanero	02.12.90	64 INE
L RICCI Domingo	Santa Tecla	11.10.90	83 CAM
P RIGHETTI Giovanni	Verona	27.10.90	75 IVO
P RIZZO Tullio	Messina	25.10.90	83 ISI
L ROA Benigno	Tuluà	23.09.90	73 COM
P ROKICKI Feliks	Sl/upca (Lad)	19.10.90	85 PLN
L ROSSO Aldo	Santa Cruz	14.10.90	73 BOL
L RUSSO Giuseppe	Castellammare di Stabia	16.10.90	81 IME
P SANCHEZ HERNANDEZ Evaristo	Ubeda	30.10.90	83 SCO
P SCHROH Evaristo	San Rafael	07.10.90	69 ACO
P SKURKA Emil	Olomouc	18.12.90	79 CEP
P SZALA Leon	Warszawa	22.12.90	77 PLE
P VICENZI Solano	Ponta Grossa	07.09.90	68 BPA
P WALAWSKI Józef	Lódz	28.09.90	81 PLE
P ZANICHELLI Fernando	Colonia Vignaud	21.08.90	84 ARO
L ZEBULONE Vittorio	Torino	01.10.90	58 ISU
P ZENI Víctor	Carmen de Patagones	11.12.90	78 ABB
P ZIEGLER Karl	Berlin	16.10.90	76 GEK



Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - CEP 03105 - Mooca
Fone: (011) 277-3211 - Fax (011) 279-0329
São Paulo - SP.